

NUNO JOSÉ DE NORONHA MENDOÇA

# PARA UMA POÉTICA DA PAISAGEM

ANEXOS

VOLUME III



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

1989

Duplicado 53 828

800 788949975

NUNO JOSÉ DE NORONHA MENDOÇA

# PARA UMA POÉTICA DA PAISAGEM

ANEXOS

VOLUME III



87553

Dissertação apresentada à Universidade de Évora para  
obtenção do Grau de Doutor em Artes e Técnicas da Paisagem.

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

1989

**ANEXO I**  
**INQUÉRITO À PAISAGEM**

## INTRODUÇÃO

Porque são noções diferentes a "ideia" e a "experiência" de paisagem e porque em ambos os campos queríamos obter dados, elaborámos os dois inquéritos dirigidos respectivamente às duas situações.

Os inquiridos foram em qualquer dos casos o mesmo grupo de alunos (2º Ano de Arquitectura Paisagista e Engenharia Biofísica, curso de 1986 - 1987).

O "Inquérito à ideia de paisagem" teve lugar imediatamente antes da 1ª viagem de estudo curricular e foi respondido propositadamente no interior de uma sala de aula.

Pretendia-se essencialmente saber da paisagem como sentimento estético e poético na sua presença cultural.

O "Inquérito à experiência de paisagem" foi realizado em viagens de estudo sempre diante de uma paisagem previamente escolhida e respondendo todo o grupo em simultâneo.

Pretendia-se sobretudo avaliar do potencial poético da paisagem, em dado momento, em que elementos mais se fazia sentir, e do próprio sentimento em cada pessoa inquirida.

Procurámos elaborar o "Inquérito à Experiência de Paisagem" por forma a que pergunta e resposta fossem o mais claras possível e também resposta rápida, já que tanto uma como outra

decorriam no domínio subjectivo.

Interessáva-nos a resposta ao total do inquérito em tempo bastante breve (cinco a dez minutos) por forma a que por um lado não retirássemos tempo ao trabalho escolar do aluno e por outro, que a resposta fosse espontânea e traduzível pela sensibilidade perante o facto.

A meditação longa sobre cada pergunta, mais que a sensação do percebido, poderia trazer sobretudo uma resposta racional que de modo nenhum se pretendia. Por essa razão lhes foi pedido que não só respondessem exactamente o que sentiam, como não deixassem de o fazer exclusivamente pelo presente percebido.

Neste aspecto o resultado foi compreendido e o tempo de resposta francamente curto.

No que toca à subjectividade da matéria inquirida e à própria subjectividade da pergunta eram factores que à partida sabíamos não poder eliminar.

Fizemos várias tentativas de minorar a interpretação que o aluno inquirido pudesse dar a cada pergunta, testando mesmo o modo como estava a ser interpretado o inquérito, junto de outras pessoas.

Estes ensaios foram eliminando aos poucos os aspectos menos claros das perguntas bem como a sua ordem e estrutura global em função do pretendido.

No entanto como se verificará, permanece sempre a possibilidade de interpretações pessoais sobre a pergunta feita, quanto mais não seja sobre o sentido a dar a determinadas palavras.

O método alternativo de resposta que facilitando a própria resposta do inquirido, a limitação à dispersão e conseqüentemente a apreciação do inquiridor, induz também um tanto mais de subjectividade a somar a interpretação da pergunta.

A este respeito apontamos por exemplo palavras como "contemplativa" (P.1) (\*) "afectiva" (P.3) ou "graça" (P.7) ou mesmo e mais simplesmente o conceito de "bela" (P.2), isto no que toca às possibilidades de interpretação no sentido da resposta a dar.

No que toca às perguntas, sendo a subjectividade menor, há sempre uma flutuação de significados para palavras como "relação" (P.3) e "influência" (P.5) que no presente caso tem muito de comum. As palavras "predominante" (P.9) e "dominante" (P.11) referem o que abunda mais ou o que mais se destaca? Quantidade ou qualidade?

No caso da P.11 não houve talvez grande equívoco já que a quantidade e extensão foram aqui entendidas. Mas, no caso da P.9 teria ela sido entendida como a sonoridade que mais ocorria, ou que mais se destacava?

Acrescentemos agora a subjectividade de quem interpreta o resultado do inquirido a ajuizemos da validade ou não de o fazer e usar.

Pensamos que fazê-lo foi já uma experiência importante pois levou-nos a apurar uma terminologia precisando melhor objectivos a atingir e resultados a obter.

(\*) P.1 designa pergunta 1. Ver quadros II e III.

Experimentá-lo foi aferir dessa mesma terminologia e do seu significado no uso da estética e poética da paisagem. Em última análise foi a experimentação imprescindível para formas futuras mais elaboradas e mais perfeitas.

Compreendemos que eliminando ao máximo as possibilidades interpretativas a dar à pergunta por parte de quem responde, se reduz a variabilidade da resposta e conseqüentemente a interpretação de resultados.

### O UNIVERSO INQUIRIDO

O universo escolhido para os nossos inquéritos à experiência de paisagem, está por natureza limitado a um reduzido número de inquiridos.

E isto, porque não é possível concentrar diante duma mesma paisagem, num mesmo momento algumas centenas de pessoas por forma a que o resultado possa ser tido como representativo.

Para além de poucas dezenas, (e entre vinte ou cinquenta o problema da representatividade é o mesmo), torna-se inviável deslocar centenas de pessoas a uma dada paisagem para em dez minutos responderem ao questionário.

Evidentemente que seria essencial levar a cabo este inquérito com esse numero de pessoas e confrontar depois os dados, com os obtidos neste reduzido universo de que nos servimos.

Interessaria igualmente fazê-lo relativamente a formações diferentes e a diferentes idades, e correlacionando ainda entre si vários factores que poderiam ou não contribuir para a

alteração de determinadas respostas.

Pensamos com certeza que um universo de um meio rural conduziria a resultados diferentes perante o mesmo inquérito feito a um meio urbano. Tal como este inquérito feito a alunos do 2º ano de Arquitectura Paisagista terá diferenças de um outro feito a alunos do último ano e bem assim a alunos do curso de Engenharia Zootécnica, por exemplo.

Cada meio específico, conduzirá a tendências específicas, ao menos teoricamente, já que não conhecemos experiências neste âmbito.

Foi, portanto, sabendo da pouca representatividade que partimos para o nosso inquérito o que pelo menos nos daria indicações de como poder ampliá-lo ou da justeza das perguntas.

Queremos ainda referir, não termos encontrado nenhum inquérito semelhante ao por nós realizado que nos pudesse sugerir processos mais apurados para o levar a cabo. Na pesquisa que fizemos sobre este assunto em revistas da especialidade e sobre o qual encontramos bastantes ensaios deparámos essencialmente com outro tipo de pesquisa tendente a avaliar quantitativamente as qualidades ou potencialidades cénicas da paisagem e mesmo do meio urbano.

Na sua maioria essa apreciação faz-se sobre imagem fotográfica (\*) ou sobre modelos teóricos (\*\*) e apenas

(\*) Rachel Kaplan, and Eugene Herbert, "Cultural and Sub-cultural comparisons in preferences for natural settings" in Landscape and Urban Planning Vol. 14 nº 4 October 1987 pp. 281-293

(\*\*) William Cats-Baril, and Linda Gibson, "Evaluating landscape aesthetics: a multi-attribute utility approach", in Landscape and Urban Planning Vol. 14 nº 6 December 1987.

encontrámos um trabalho inquirindo directamente um grupo de alunos de "Park and Garden maintenance" (\*) realizando um percurso florestal.

A nossa protenção não é a de quantificar seja o que for, nem potencializar mas tão só a de compreender a relação estética e poética com a paisagem e a diferente reacção no grupo inquirido.

Tentamos assim diversificando as situações espaciais e temporais aferir de juízos e sentimentos que pudessem contribuir para o discernimento que a acção da paisagem tem sobre o homem e de como ela actua psicologicamente e fisicamente.

#### INTERPRETAÇÃO CRITICA AO

#### "INQUÉRITO A IDEIA DE PAISAGEM" - I.1

A interpretação a este inquérito só terá alguma validade constatando linearmente as dominâncias francas que nos podem indicar uma preferência relativa em termos de "paisagem", "atitude" perante ela, e "percepção". (ver Quadro I)

Assim verificamos que a preferência pelo tipo de paisagem vai claramente para o "Mar".

Paisagem de juventude? Memória afectiva? Maior conhecimento? É possível, pois não vamos crer em apetências ancestrais de uma vocação nacional.

Explica-se talvez pela maior proximidade de um global de uma

(\*) Christina Axelson-Lindgren and Gunnar Sorte, "Public response to differences between visually distinguishable forest stands in a recreation area", in Landscape and Urban Planning Vol. 14 nº 3 August 1987 pp. 211 a 217.

população relativamente a um litoral ou pelo factor "conhecimento" o que pode por sua vez explicar o preferir-se a "planície" e a "montanha" e apenas uma ligeira apetência (inexplicável) pela "floresta".

Quanto a atitude perante a paisagem, de carácter contemplativo, podemos verificá-la na P.7, "olha" e "divaga" em relação com a sensação de "calma" que se verifica em P.5.

Esta atitude faz-se de preferência "só" mas, importante é também a componente "acompanhado" como possível modo de expansão do sentimento.

A "percepção", terceira preferência a que acima aludimos, sente-se clara e logicamente dominada pela visão, como prioridade, o que nada acrescenta ao que já sabemos, à nítida importância que o aroma tem na paisagem (P.3) e à clara preferência, também, pela paisagem dos "sons" (P.11).

Nas restantes respostas as opiniões dividem-se perdendo-se a dominância, o que num universo tão pequeno impede alguma interpretação válida.

Resta-nos contudo a P.4 em que "natureza" e "paisagem" colhem a grande maioria de opiniões como símbolo de "belo" se bem que na P.1 como conceito de vida se equilibrem as respostas entre o "urbano" e o "natural" mas que se desdiz em P.2 na escolha do local de vida em "campo" e "junto ao mar".

#### INTERPRETAÇÃO CRÍTICA AO

#### "INQUÉRITO A EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM"

I.1, I.2, I.3, I.4, I.5, I.6, e I.7.

Pretendíamos inicialmente fazer o tratamento dos dados

obtidos não só quantitativamente mas também em cruzamento de resposta.

No entanto o especialista contactado para o efeito, Dr. António João de Brito P. Santos do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora, estimou que o reduzido número do universo de que nos servimos não forneceria elementos generalizáveis e não teria portanto valor representativo.

Agradecemos-lhe contudo as muitas sugestões para trabalho futuro que gostaríamos de levar a cabo neste domínio, não só relativamente aos universos a inquirir como as técnicas de apuramento de dados.

Seria sempre necessário este primeiro passo, mesmo de pouco valor científico, mas importante como ensaio, onde nos foi possível esboçar um princípio concreto sobre o qual nos poderíamos futuramente debruçar com a colaboração indispensável da Sociologia e dos métodos de trabalho mais actualizados que ela propõe neste campo tão particularizado.

Dadas estas explicações esclarecedoras do porquê da interpretação que vamos fazer resta-nos falar dela e da opção de assim a fazer.

Chamamos-lhe crítica porque a par do valor qualitativo e elucidativo que podemos tirar dos dados, exerceremos também um juízo sobre a própria interacção pergunta-resposta e evidentemente sobre os resultados em apreciação.

Apenas uma última consideração:

- a leitura e interpretação do "inquérito à experiência de paisagem" terá de fazer-se tendo em atenção que o grupo de alunos inquiridos está especialmente desperto para os

valores humanos, estéticos e culturais da paisagem.

- Estarem em viagens de estudo curriculares com um trabalho específico a desenvolver para as disciplinas de Desenho IV, V e VI, que envolvia o estudo do meio urbano rural (Des. IV) estudo da paisagem sob o ponto de vista estético e poético, (Des. V) e o estudo da paisagem marinha (Des. VI).

Estas disciplinas visavam o conhecimento mais vasto de todas as circunstâncias e tipos de paisagem, essencialmente sob o ponto de vista estético-poético, no caso de Des. V e Des. VI, e para o caso de Des. IV, a percepção espacial do meio urbano-rural, pressupondo as relações paisagem/aldeia.

- Os seis inquéritos sobre os seis casos apresentados desenvolvem-se temporalmente do seguinte modo:

I.2 Penha Garcia	- 12h (*)	
I.3 Monsanto	- 17h	Junho de 1988
I.4 Idanha-a-Velha	- 20h	
I.5 Nodar	- 18h45	
I.6 Nodar	- 10h50	Outubro de 1988
I.7 Praia Grande	- 13h40	Novembro de 1988

Analisaremos brevemente em primeiro lugar cada resposta na horizontal e seguidamente cada paisagem inquirida sob o conjunto das perguntas em leitura vertical, ensaiando algumas correlações. (\*\*)

P.1 - é praticamente dominante em todos os casos a tendência para a atitude contemplativa.

(\*) I.2 designa Inquérito nº 2.

(\*\*) Nota: a interpretação que se segue só fará sentido se acompanhada do Quadro II.

Se bem que o periodo da manhã seja um periodo activo o qual, sabemos também por experiênciã ser um periodo de certo modo lento na produçãõ de um trabalho proposto. Inicia-se numa actividade reduzida, aumentando para o fim da manhã, como que num ritmo experimental.

Este aspecto, que sempre temos observado nas viagens que anualmente fazemos, tem sido numa constante, o que, parece poder explicar a tendênciã para uma contemplaçãõ, que se verifica em I.6.

Em I.2 e I.7 essa tendênciã verifica-se num momento que é por si mesmo inactivo.

Relativamente a I.3 e I.4 é perfeitamente compreensível dado no primeiro caso a conjunçãõ luz intensa, quente e brilhante, com uma paisagem grandiosa e colorida avistada do alto do Castelo Monsanto. Na volta completa do olhar, a visãõ da paisagem fazia-se até se perder no horizonte.

Estando bastante elevados e de certo modo pairando sobre ela, sentia-se um afastamento que a tornava um tanto abstrata, sentimento este que se relacionava também com a mais completa abundância de espaço de paisagem.

No caso de I.4 tratava-se de um especial e privilegiado momento de paisagem. Luz do entardecer, aroma da flores, sonoridades, temperatura amena ao fim de um dia muito quente e, o momento de descanso ao fim do dia, apenas pressupunham que se olhasse, sentisse e usufruisse do momento altamente poético.

Em todos os casos encontramos clara justificaçãõ para a tendênciã meditativa ou admirativa, o que exclui quem por

essas mesmas razões, sinto uma forte motivação para uma actividade estético-poético (I.4, I.5, I.6 e I.7).

P.2 - Extremamente subjectiva esta pergunta, dado que se pede um juízo sobre a qualidade "beleza" da paisagem, colhe exactamente neste aspecto de apreciação pessoal, o factor mais apreciável.

Com efeito, as respostas situando-se em maioria na resposta "bela" com excepção de I.6, distribuem-se no entanto pelas três primeiras qualidades: "muito bela", "bela" e "medianamente bela".

Qualquer das paisagens eram na nossa apreciação paisagens belas, sendo-nos mesmo impossível atribuir a resposta "medianamente bela".

Pensamos que a comparação que fazemos entre a nossa apreciação e as respostas obtidas introduz aqui o factor "conhecimento afectivo" dado que se exceptuarmos os casos I.5 e I.6 que viamos pela primeira vez, todas as outras eram já para nós paisagens afectivas.

Esse factor "conhecimento afectivo" surgia por parte do grupo como um factor não influente na qualificação, pois que as conheciam pela primeira vez, exceptuando I.7 que a maioria já conhecia.

Parece-nos assim que a dominância da qualificação "bela" se nos apresenta correcta com a relação "afectividade" que entendemos decisiva na qualificação estética e poética da paisagem.

P.3 - Mais correcto se nos afigura o resultado de P.2 se

verificarmos as poucas respostas em "afectiva", salvo em I.5, I.6 e I.7 em que a afectividade se desenvolve principalmente em I.6 e I.7 pelo conhecimento, o que prussupõe respostas "cautelosas" a uma questão muito subjectiva.

Na verdade a tendência "agradável" em I.2, I.3 e I.4 aumentam o valor "afectiva", nas três seguintes paisagens.

O aspecto "impessoal" como resposta à relação com a paisagem nunca acontece e, "visual", ocorre apenas em dois casos sem que no entanto nos arrisquemos a fazer sobre isto alguma interpretação.

Parece-nos óbvio que se possa sempre fazer uma relação "agradável" com a paisagem e a dominância desta resposta em I.2, I.3 e I.4 refere-nos alguma indecisão instituída pelo não conhecimento e que impede ainda a afectividade.

Digamos que "agradável" como relação é uma posição equilibrada, não muito comprometida, e central, em termos de sentimento.

A resposta distante pode exactamente ser causada por alguma preplexidade em ter que responder a uma questão tão delicada perante uma paisagem que se lhes apresenta pela primeira vez.

Claro que outras possibilidades de resposta poderiam aqui incluir-se tais como, "satisfação" ou "simpatia", intermédias de "afectiva" e "agradável" e possivelmente o resultado seria mais palpável.

Esta questão, de outras respostas possíveis, foi-nos

por vezes posta por parte dos inquiridos na medida em que não encontravam entre as que se lhes apresentavam, a mais adequada ao seu sentimento. Alguns sublinharam mais que uma como processo mais completo de resposta, não tendo nós utilizado senão a primeira como critério, que à partida puzeramos.

P.4 - Ressalta imediatamente o efeito "calmante" que a paisagem tem sobre o homem aumentado pelo que se constata na P.11, em que observamos a alta dominância dos tons de curto comprimento de onda, verdes e azuis. Estes tons como referimos já induzem aqui este evidente efeito.

O efeito excitante é muito pouco frequente em I.2, I.3, I.4 e I.5 surgindo com evidência em I.6 e I.7.

Para o caso de I.6 apenas temos como referência "excitante" o facto da plena manhã activa e, uma paisagem especialmente querida e apreciada nesta viagem de estudo, e o efeito estimulante que ela teve em termos de criatividade produtiva no estudo da cor.

Observámos, que este local e a experiência acumulada ao longo da semana de trabalho envolvendo o desenho e a aguarela e ainda trabalhos escritos sobre temas poéticos a observar, levou a que este dia final fosse um momento especialmente alto durante a viagem. Por esta razões, extrínsecas ao que se pode analisar no inquérito, somos levados a compreender o numero de respostas, (6 em 17) como um entusiasmo e uma boa ambientação que se traduzem em produção criativa.

No que se refere à I.7, talvez que o facto de se tratar

de um mar especialmente movimentado, e em permanente mutação luminosa pelo tempo incerto do sol-sombra, motivasse as resposta (4 em 11).

Contudo estas interpretações são muitíssimo subjectivas e só podem ser colocadas como hipótese, não pela análise das respostas mas, pelas condições conhecidas pelo inquiridor, e, como dissemos, absolutamente extrínsecas aos dados registados.

Da sua relação, apenas se pode instituir uma hipótese, referindo sempre, a noção da sua imponderabilidade.

P.5 - Encontra-se uma preponderância, resultado de uma influência perguntada em P.4, sobre a "nostalgia", o que poderemos relacionar com o sentimento de "saudade", tratado já neste trabalho.

Para I.2 seria fácil relacionar o elevado número de respostas a "nostalgia", como um sentimento decorrente simultaneamente de uma atitude fortemente contemplativa, (P.1) e, da circunstância de uma paisagem "bela", (P.2), "agradável", (P.3), "calmante", (P.4), adicionada ao factor afastamento familiar de um primeiro dia de uma primeira viagem de estudo.

Este último factor, que sabemos claramente implicar sempre alguma insegurança física e comportamental, por parte de um grupo de alunos postos perante uma situação vivencial nova, tem concerteza um peso importante no aspecto emocional.

Acresce ainda, o facto, de a viagem de estudo fugir à

clássica visita de "passar e olhar", importando sobretudo um trabalho intenso de observação e interpretação do meio pelo desenho, pela cor e pela palavra.

Obviamente, o grupo acusa a pressão que esta responsabilidade exerce sobre o seu equilíbrio emocional, e não nos espanta que esta situação circunstancial, leve a que seja essencialmente um sentimento de "nostalgia" que surja como resultado neste I.2.

A ambiência extremamente agradável da paisagem na primeira manhã de trabalho, juntamente com uma certa insegurança emocional, explica claramente o sentimento em metade das respostas.

A "indiferença" e "inibição" têm um peso irrelevante. Mantendo-se a "alegria" mais ou menos constante, verificamos que a transposição das respostas se faz entre a "nostalgia" e a "criatividade" como que a primeira implicando "contemplação" e a segunda "actividade". Enquanto uma sobe, a outra desce numa relação lógica, atendendo a que o factor "criatividade" tem aqui uma conotação com criatividade gráfico-pictória, pouco compatível com o clássico conceito de "contemplação passiva".

Em I.5 e I.6, "criatividade" encontra-se relacionada com os factores apontados em P.4, em que circunstâncias muito favoráveis, de um bom desenvolvimento do trabalho, e qualidades ambientais proporcionou uma apetência criativa.

Não é alheia a muitas das reacções emotivas verificadas

como a "alegria" e a "criatividade", a grande beleza e empatia, sempre geradas neste valo do Paiva, e sempre também, verificadas em outras viagens.

É daquelas paisagens de vale em que a natureza por várias e múltiplas circunstâncias nos remete de imediato para uma relação afectiva. Ainda, o extremo equilíbrio entre ela e o homem quer na ocupação, quer na relação harmónica, quer na riqueza de encontros criativos, desenvolvem em nós uma admiração pelo respeito que o homem tem por si próprio, enquanto natureza.

Esta magnificência de relações, impõe-se inconscientemente, a quem pela primeira vez a visita como nos foi dado a observar, em todos os grupos com quem a visitámos já. Rápidamente a relação "agradável" que de início se estabelece, passa a uma emoção mais alta e "afectiva" em que ocorre um íntimo sentimento e que leva a designar este rio por "meu rio", como lemos em alguns trabalhos deste grupo.

P.6 - Analisaremos aqui dois aspectos que de imediato nos saltam à vista:

- a dominância da "afectividade memorial" em todos os casos, excepto I.5 e I.6 de Nodar;
- e a perda dessa dominância, propriamente, em Nodar.

No primeiro caso, a "relação afectiva" que a memória estabelece em I.2, I.3, I.4 e I.7 com outras situações é uma ocorrência frequente em nós, no nosso tempo de vida, complexa, difusa mesmo por vezes, mas que, como Stern explica "deve ser procurada numa transformação do estado

de alma pessoal" (\*).

É a reacção a um estímulo, que recorda outro já conhecido e que nos transporta "a uma situação psíquica" envolvendo-nos por uma sensação de familiaridade (\*\*) de algo já visto e já vivido, mesmo que a memória não seja capaz de o reconstituir.

É a sensação de familiaridade que é responsável por essa referência e se bem que por vezes pasmemos perante a beleza de um paisagem, não quer dizer que esse pasmo contenha em si o "nunca antes visto", mas por vezes, o pasmo é resultado de uma forte afectividade familiar.

Neste caso, relativamente ao nosso inquérito, as paisagens em causa para a resposta "sim", são paisagens passíveis de se lhes encontrar referências memoriais de muitas vivências semelhantes, e tanto, que ocorrem claramente nas respostas.

No segundo caso, a paisagem de Nodar pela sua íntima particularidade espacial, luminosa e formal, aliada ao agradável conforto de vida que experimentámos, e a calma produtividade criativa que se desenvolveu, apresentou-se-nos como uma experiência virgem na memória, e quase "um nunca visto" o que explica, talvez, a francamente menor referência afectiva na memória.

(\*) William Stern, Psicologia Geral p. 279.

(\*\*) idem, ibidem.

Numa próxima visita, passados dois ou três anos, a viva recordação que o tempo tivesse sedimentado e melhorado, levaria a que inquiridos sobre este mesmo assunto, a resposta fosse provavelmente um "sim" total. E aqui, nesta síntese, não podemos excluir a enorme simpatia e amizade dos habitantes deste pequenina aldeia que nos rodearam de tudo quanto há de bom e agradável, de um ser humano para outro.

Esta pergunta, envolve para nós um alto valor, já que este sentimento de "afectividade familiar" cremos nós, ser um dos mais responsáveis por um desenvolvimento da poética da paisagem. Recordamos, estar ele na base ou ser, mesmo por vezes, a própria poética, tão forte e tão dinâmico ele se nos apresenta, sem que seja necessário a beleza estética objectiva como condição ao seu surgimento, mas tão só a afeição que por qualquer motivo gera na paisagem em que estamos.

E em boa parte esta paisagem do recanto do Paiva, em Nodar, não sendo algo de extraordinariamente belo, verificámos no entanto ser extremamente afectiva e impulsionar por isso e quase que por si só, o sentimento poético.

P.7 - Curiosas, pois difíceis de interpretar com alguma segurança, as respostas diferenciadas, a esta pergunta, sobre a "maior beleza da paisagem".

Aparentemente sem sentido, esta pergunta, ganha-o no entanto quando olhadas as respostas e recordando as situações.

Saber se a "cor" é, na paisagem, mais bela que a "profundidade" seria uma comparação inútil posta nestes termos abstratos. Mas, numa paisagem que se admira é possível sem que neguemos a sua beleza conjuntural ou mesmo de algum aspecto particular, observar e sentir, que por exemplo a, "profundidade", pode ser o que para nós se apresenta dominante. Gosto, preferência, sensibilidade mais dirigida para o "espaço" ou para a "forma", ou para a "luz", poderão assim dirigir o sentimento de "bela" em determinada direção preferencial.

E pensamos que no global é isso mesmo que se verifica por certa difusão de repostas, bem como algumas tendências no seio dessa difusão.

Em I.2 e I.3 a "profundidade", a "dimensão" e a "grandiosidade" surgem como dominantes, pois observávamos nos dois casos, os máximos espaços físicos da paisagem (alto do Castelo de Penha Garcia e alto do Castelo de Monsanto). Afigura-se-nos como normal a sensação de imensidão física e que se concretiza pelas respostas de menor ocorrência de "dimensão" e "estrutura" em I.2 referindo assim um impacto significativo da extensão física.

Talvez mesmo, que a predominância da visão dos aspectos físicos mais elementares e desenvolvidos no comum das pessoas, leve a que, sejam estes elementos que inicialmente ocorrem com mais frequência.

A medida do desenvolvimento da experiência em viagem, e do contacto com os temas e terminologia abordados, os

outros aspectos da percepção principalmente os auditivos e olfativos, adquirem uma consciência mais efectiva tornando-se observáveis e constatáveis.

Em I.4, a preponderância da "cor" como beleza mais evidente da paisagem de Idanha-a-Velha e do momento em que o inquérito foi propositadamente feito, vem parcialmente ao encontro das nossas expectativas. E dizemos parcialmente porque esperávamos que fosse a luz a colher a unanimidade das respostas.

Contudo a quase totalidade vai para a consequência da "luz" e não para ela própria, como expressão mais etérea da paisagem do entardecer magnífico a que se assistia, numa simples paisagem de sobreiros dispersos por um largo cabeço e um solo densamente atapetado de malmequeres amarelos e brancos.

Nas notas desta viagem (ver Vol II, desta dissertação p. 233.6) apontamos cuidadosamente a distribuição da cor no solo dada pelos malmequeres e, prevíamos, que fosse ela a atingir primordialmente a atenção.

"Ver" a luz requer um maior poder de abstracção e mesmo a compreensão do conceito de "ar" e "ambiência etérea" para a pressentir suspensa na paisagem.

Na verdade ela era fraca, mas de belíssima tonalidade rosada, e por isso submergível pela evidência cromática, mais forte, observável em P.11 (verde - 3 e amarelos/brancos - 7). Além da cor forte e plana do solo, o intenso e característico aroma que àquela hora se desenvolvia dos malmequeres, absorvia todas as atenções

O esquecimento da luz ou a sua não preferência, eram neste caso um facto normal.

Há no entanto duas respostas à "luz" como maior beleza, e uma, à "graça". Esta, afigura-se-nos de uma preciosa observação e sentimento, perante tão fluida luminosidade.

Possível sem dúvida, e demonstra fina percepção do que pode ser a "graça" da paisagem, tida como algo de extraordinariamente imperceptível e poético, mas difícil de alcançar como compreensão. Já a resposta única a "pitoresco" se nos afigura sem sentido, na ambiência tão etérea desta paisagem.

A "luz" vai adquirir em Nodar (I.6) algum significado mas a dispersão de respostas por "cor", (4) dimensão, (2) profundidade, (1) e estrutura, (3), reduz a importância desta ocorrência.

Esta difusão é ainda mais nitida em Nodar (I.5), a uma hora da tarde em que todos os valores poéticos dos elementos são especialmente altos, e mais especialmente ainda nesta afectiva paisagem de Nodar.

No Mar (I.7), dispersa-se também a beleza, por "luz" (2), profundidade (2), e grandiosidade (3), cabendo à "dimensão", (6) a maior ocorrência o que nos refere a expansividade do plano infinito da água que prodomina como sentimento.

P.8 - Tratando-se apenas da constatação haver ou não "aroma" na paisagem inquirida, o que parece algo de elementar e directo, verifica-se a não unanimidade e também por

vezes como em I.2 uma quase oposição de opiniões.

Um tanto controversa era a situação em Penha Garcia (I.2) e Monsanto (I.3) pelo afastamento da paisagem que se inquiria.

Na verdade o aroma assinalado pertencia aos locais onde estávamos e não às paisagens distantes sobre as quais se inquiria. Poderia, por acção do vento, chegar-nos o "aroma" da paisagem em causa, mas seria algo de indefinido já que a enorme dimensão de território abarcado e a distância, tudo diluiriam.

Para I.4, como já notámos, a conclusão foi unânime e não envolvia qualquer hesitação.

Em Nodar (I.5 e I.6) dividem-se de novo as opiniões com larga maioria de "sim" mas restando significativa a opinião de "não".

Podemos aqui colocar a maior ou menor sensibilidade olfativa já que se trata de aromas finos e normalmente ténues, razão esta que se torna plausível se considerarmos I.7 em que é quase uma constante o aroma marítimo. Mesmo aqui a diferença de opiniões mantém-se, tal como nas duas paisagens anteriores.

Intencionalmente não inquirimos de qual o aroma, dado a conhecida impossibilidade referencial a aromas sistemáticos, mas pensamos ser de toda a utilidade em trabalho futuro pedir a identificação, como modo de esclarecer se é uma sensação indefinida ou um aroma concreto.

P.9 - Observa-se uma coincidência de opiniões quase unanime

excepto em I.2 .

Neste aspecto há a considerar a pouca objectividade da resposta para a situação particular em que nos encontrávamos. A aldeia agrupa-se na base do Castelo, próxima portanto, e uma parte das respostas toma os ruídos da aldeia (carros, sinos, vozes) como as sonoridades da paisagem, esquecendo que aquela que inquiríamos estava bastante para lá da aldeia.

No entanto há uma inadequação da pergunta tanto para este caso de I.2 como para I.3 dado que não é possível ouvir sonoridades à distância a que nos encontrávamos.

O que nos aparece como resposta óbvia são os "pássaros" (17) em I.2 e o "vento" em I.3.

Já em Idanha, (I.4) as razões das respostas estão correctas e eram realmente os pássaros (rouxinol) e os grilos as sonoridades preponderantes tomando nós as outras duas respostas "animais" e "natureza" como coincidentes com esta. A "calmaria" se bem que se compreenda a intenção, não podemos tomá-la como uma sonoridade ou mesmo como silêncio, mas mais como uma ambiência, e portanto, não válida.

Em Nodar (I.5 e I.6) era nítido o domínio do ruído da água em relação a qualquer outro, tal como no Mar, (I.7) o que não excluía de modo nenhum, por exercício de uma acuidade auditiva, a distinção de outros, em Nodar. Assim aparecem "pássaros" (1) e chocalhos (1) mas que não podemos tomá-los como dominantes.

P.10 e P.12 - Estas duas perguntas só se tornam válidas sendo analisadas em conjunto já que uma se ocupa da qualidade da luz e outra da sua "temperatura" psicológica.

Mas antes de mais teremos que reconhecer que as designações de "forte" e "fraca" se bem que reflectam algo de qualitativo referem-se mais à intensidade e, quanto a nós, não comparáveis às outras alternativas.

Pensamos, não deverem por isso constar como resposta a "qualidade" mas inseridas em "intensidade", que não inquirimos. "Suave" e "doce" contêm também uma certa semelhança de sentidos que pode levar a hesitação e dispersões.

Talvez o termo "brilhante" fosse mais útil se bem que se assemelhe a "crua" e possa portanto sobrepor-se-lhe em significação.

Analisemos, contudo, os resultados tal como estão.

A luz "forte" em I.2 coincide com o tom "quente" compreendendo-se as respostas a "frio" (8) pela qualidade "crua" da luz da manhã que só aparece numa resposta.

"Doce" e "suave" parecem-nos muito pouco adequadas e de certo modo incompreensíveis para a intensa luminosidade do meio-dia de um céu limpo no final de Maio e sol frontal.

Em I.3, Monsanto, encontramos as razões para a crítica a "forte" e "fraca", pois perante as respostas a "forte" (11) e a "difusa" (9) numa luz obviamente "quente" do meio da tarde, a dispersão entre elas, é evidentemente negativa. O inquirido, encontra-se perante duas

evidências diferentes, ambas verdadeiras, e que o são simultâneamente. Uns optam pela força da luz e outros pela sua evidente difusão, e provavelmente, estariam todos de acordo sobre a "difusa", se lá não constasse "forte".

Em I.4, quase unanimemente, a resposta é "doce" e "quente" para a bela luz já perto do "crepúsculo", à qual pensariamos, que seria atribuída o maior número de respostas na P.7.

As duas resposta à luz "forte" só por distração podem ser tomadas, bem como a "frio", que pertencerão provavelmente às mesmas pessoas.

Em I.5 (Nodar) às 18.45, dispersam-se as respostas por "doce", "forte" (1), "fraca", "suave" e "difusa" e na realidade, todas as qualificações seriam possíveis menos "fraca".

Esta possibilidade revela aquilo que consideramos ser um dos pontos de falibilidade do inquérito: a limitação a uma resposta.

Obviamente, perante a subjectividade do tema inquirido, quanto mais restricta for a resposta, mais falível e disperso se torna o resultado.

Haveria assim que permitir e utilizar duas respostas possíveis o que tornaria muito complexa a leitura e interpretação.

Na realidade a luz desta paisagem e neste momento do dia, tinha estas várias qualidades e que não se anulavam mutuamente.



Era "forte", "difusa", "doce" e de certo modo "suave" pois a intensidade não era de molde a ser "crua".

Pensamos que, para minorar a dificuldade que a resposta dupla a uma mesma pergunta poria, no trabalho posterior de apreciação, seria pedir como norma, que numa delas se contivesse a dominância do pedido.

Haveria assim uma escolha por parte do inquirido quanto àquilo que mais o impressionava ou o maior valor sentido.

Mas retomemos a interpretação.

Em I.6 e I.7 repete-se a dispersão verificada na última paisagem I.5 e do mesmo modo possível, anulando uma apreciação sobre uma das características pedida.

P.11 - Observamos como mais interessante resultado a infinidade de tonalidades que uma cor pode ter na apreciação individual. Na verdade, é muito difícil para além da cor base, "verde", precisar que tipo de verde e quais as outras cores que podem entrar na sua composição e, assim, denominar-se por uma palavra precisa.

A dominância em todas as paisagens é o "verde" excepto em I.7 o Mar, que é "azul".

No entanto o modo de o situar é diverso. Aparece-nos simplesmente a palavra "verde" ou "azul" sem qualificar a tonalidade, "tons de verde", numa designação igualmente abstrata, "verde + castanho", apondo duas cores, e designações, fazendo a mistura de cores - "verde cinza", "verde muito seco", "verde terra", "verde azulado" etc.

Aparecem ainda certas discrepâncias tais como: "tons escuros" em I.5 e I.6, nada significando, ou se

tivermos em atenção a pergunta, pedindo a cor dominante, a resposta de "verde, amarelo e branco" em I.4 é inconclusiva.

P.13 - Dominante é aqui o significado de cada palavra usada, palavra no sentido de calma, paz, tranquilidade que a paisagem sugere aos inquiridos.

A palavra que mais se repete, em I.2, I.3, I.4 e I.6 é "calma", e sente-se uma tendência para palavras referindo sensações de prazer, de admiração e de grandiosidade.

Poderíamos evidentemente agrupá-las por sentidos mas parece-nos um tanto abusivo dado que o sentido que lhes damos provavelmente não coincidiria com aquele que foi escrito.

O que se nos torna evidente é que a palavra escolhida exprime ora relação - "amistosa" (I.2), ora a individualidade paisagem - "imensidão" (I.2), ora a realidade sentimental do individuo - "pequenez" (I.7) ou mesmo "não tem palavras". Outras surgem sem que possamos interpretar a significação - "mosaico" (I.3), "naufrágio" (I.4), "pensamento" (I.5), "desolação" (I.3). Exprimem estados de alma já não perante a paisagem mas dela desligados e interiorizados, afastando-se assim da pergunta.

E talvez a tão usada expressão de Amiel, "estados de alma", tão repetida que vem sendo por tantos autores, é mesmo assim o que pode abarcar a maioria das palavras escolhidas pelos inquiridos, que tanto quanto nos é dado apreciar refletem uma síntese homem-paisagem no momento.

...

Poderíamos ainda fazer uma última leitura interpretativa horizontal somando as respostas a cada pergunta nas seis paisagens inquiridas, mas afigura-se-nos bastante inconclusivo dado que deparamos com casos bastante diferentes entre si o que faz variar as apreciações.

O somatório de dados não passa assim de quantidades que não referem sequer tendências. Somar apreciações "belas" (58), obter um número superior em "muito belas" (38), parece-nos algo disparatado, donde nenhuma conclusão se pode tirar.

No entanto há três perguntas cuja frequência de resposta pensamos podermos arriscar que se torna não uma tendência mas uma ocorrência relacional entre o homem e a paisagem sob o aspecto afectivo.

Trata-se da P.1 "Que atitude mais lhe apetece ter diante desta paisagem?", da P.4 "Que tipo de influência tem esta paisagem sobre si?" e da P.6 "Esta paisagem tem para si alguma relação afectiva na memória?".

Há na primeira uma dominância clara da vontade "contemplativa" perante a globalidade paisagem, que francamente não esperávamos obter tratando-se de um grupo na idade dos vinte anos e no âmbito de uma Disciplina e de um trabalho propostos que requerem uma actividade visual, interpretativa e mesmo física. Este resultado, torna-se por estas razões suficientemente significativo para que possamos pensar que haverá (com reservas) uma vontade preponderante de "admirar" qualquer paisagem.

Relacionemos esta ocorrência com o que ocorre no "Inquérito

à ideia de paisagem" nas P.5 e P.7 em que a maioria das respostas ocorre exactamente em "calma" como sensação perante a paisagem e "olha" e "divaga", respectivamente. Juntemos ainda a P.15 do mesmo inquérito onde verificamos uma preferência por estar "só" ao apreciar uma paisagem.

Parece-nos que este conjunto de respostas é significativo e suficientemente forte para que possamos dizer que há de facto uma predisposição para a atitude contemplativa no que ela contém de calmante, de pacificação interior, e de propensão para o isolamento meditativo, e que, como se vê pelo geral de todas as perguntas-respostas não comporta nunca um sentimento de tristeza ou depressão. São raros os casos em que isso acontece no "Inquérito à experiência de paisagem" (P.5, "melancolia" (2), e P.3 "desolação", "agreste", "naufrágio", "tristeza" - uma ocorrência apenas em cada palavra).

Esta resposta à P.1, "Que atitude mais lhe apetece ter diante da paisagem?" tem necessariamente relação íntima com o que observamos em P.4 e P.6 em que a maior ocorrência aparece respectivamente para "calmante" e "sim", na relação afectiva da memória, perante a maioria dos casos.

Creemos assim que a "afectividade" da recordação e o efeito calmante que a paisagem tem sobre nós reverte com forte contributo para a atitude contemplativa.

...

Debruçar-nos-emos agora, brevemente também, sobre cada uma das paisagens inquiridas relacionando as respostas dominantes obtidas, numa leitura vertical do quadro de síntese apresentado, (Quadro III) globalizando a interpretação.

O quadro sintetiza a resposta maioritária, que designamos por "resposta simples", mas nos casos de bastante proximidade das respostas imediatas em que não há grande afastamento, resolvemos, porque representativas, inclui-las na ordem respectiva e que designamos por "resposta múltipla". (\*)

Assim por exemplo em I.4, P.5 aparece, "nostalgia", "alegria", "criatividade", sendo "nostalgia" maioritária e as outras duas consideradas representativas na respectiva ordem, porque ultrapassam cinquenta por cento desta.

Consideremos primeiramente o quadro sob o ponto de vista de respostas simples e respostas múltiplas. Pela difusão ou concentração de opiniões obtemos a percepção de **unanimidade** ou de **controvérsia** sobre dada paisagem.

Assim teremos como a de menor factor variavel (\*\*) a paisagem I.2 de Penha Garcia, sem dúvida a de menos complexa percepção, quer pelo território plano de campina disfrutado, quer pela clara evidência da elevação de Monsanto. Igualmente, a luminosidade, temperatura e vento, participantes numa ambiência geral, não eram de características extremas, possibilitando um equilíbrio de percepção emotiva, que chamaríamos de harmónica.

Ao contrário, é I.6 em Nodar, que se situa no polo oposto, com o maior factor variável, havendo apenas três perguntas que obtêm respostas simples.

(\*) O critério adoptado para tomar como válidas as "respostas múltiplas" refere-se a quantitativos superiores a cinquenta por cento da resposta maioritária.

(\*\*) Entende-se por factor variável, o número de respostas múltiplas em cada paisagem inquirida

Esta difusão de opinião torna este caso, na paisagem mais controversa, pois questões há, que não só não são complementares como até se opõem.

É o caso de P.4 "calma" e "excitante", de P.5 "criatividade" e "nostalgia", de P.6 "sim" e "não" e de P.12 "quente" e "frio".

Daqui aferimos da grande imponderabilidade da emoção individual perante a paisagem e do modo como ela pode traduzir-se consoante as facetas sentimentais que interferem na percepção estética e poética. O grau imaginário de cada um, e a capacidade de idealização poética, podem inclusivamente levar a alterações da percepção exteroceptiva que a mente interpreta, opostamente como é o caso de "quente" e "frio".

Relacionemos agora no mesmo Quadro III, as paisagens entre si, procurando através do factor variável, interpretar como ele actua.

De I.2 para I.3 surgem duas interferências que são a dominância de P.5, "criatividade" e P.9, "vento", tornando esta paisagem de Monsanto, mais activa e dinâmica que a anterior e também mais controversa pelo factor variável de 6.

Em I.4 reduzindo-se o factor, difere igualmente das anteriores no sentido da harmonia e da doçura pela introdução de P.7, "cor" e P.10, "doce" que concordam com a qualidade visual desta paisagem num momento especialmente poético do início do crepúsculo.

I.5, Nodar torna-se de novo num misto de afectividade e dinâmica pela P.3 de dominância "afectiva" e da P.5, "criativa", juntamente com a P.9 sonora, "água" e a controversa

luminosa P.10, da "difusa" à "doce", vendo-se assim o seu factor variável de novo aumentado para 6.

A I.6 sendo como já referimos a mais controversa pelo alto factor variável que introduz, (9 em 12) comporta além disto, uma outra significativa alteração relativamente as situações anteriores.

Repare-se que, sendo predominantemente "contemplativa", "agradável" e "calmante" é no entanto, e também, "criativa", tal como acontece apenas em I.3.

Mas mais importante e significativo nos parece ser o aparecimento da "luz", em P.7, como factor dominante de maior beleza (ocorrência única em todos os casos) aliada à sua qualidade "difusa" e "quente", como num máximo potencial poético. Juntemos-lhe "calmamente-excitante" e "criativa-nostalgica", mais a ocorrência "aromática", e temos realmente uma combinação que pela controvérsia, se torna na mais poética de todas.

Porque razão, não tendo tido nunca a luz senão um dos últimos lugares nas respostas, repentinamente surge aqui, e só aqui, em primeiro lugar?

Não temos uma resposta segura e inteiramente concludente, mas apenas algumas hipóteses que podem ser aproximativas.

A compreensão e apreciação da luz, porque não visível em si mesmo, exige por conseguinte uma capacidade de abstracção mais elevada do que a percepção dos elementos visíveis. Por essa razão é a cor, como função de luz e sua materialização, que vai surgir em I.4 e I.5 onde esperávamos ser esta a ocorrência maior dada a sua espantosa qualidade em qualquer dos casos.

Esta uma hipótese.

A outra, prende-se com o facto de ser I.6 o final de uma segunda viagem de estudo, tendo de permeio um tempo de aprendizagem e familiarização teórico-prática com as preocupações estético-poético-científicas, abordadas com frequência pelos próprios docentes. Cremos assim, que um despertar para as situações poéticas da paisagem tivesse levado à abstracção suficiente que permitisse "descobrir" o encanto da luz, na sua anterioridade ao cromatismo da matéria.

Relativamente a esta questão referimos ainda para além do trabalho prático de desenho e cor na viagem de estudo (I.5 e I.6 ao Vale do Paiva) lhes foi pedido um trabalho escrito de índole criativa sobre temas a observar tais como, "Tempo", "Tarde", "Água", "Luz", na paisagem que visitávamos.

A abordagem motivadora que os docentes fizeram a respeito dos temas e, as discussões que sobre eles surgiu com frequência, levou certamente a um esclarecimento de muitos destes aspectos em que, sem dúvida, a luz foi um dos especialmente abordados pela sua enorme importância na paisagem.

Atente-se neste texto sobre a "Profundidade":

"Profundidade o que será? Luz, cor, temperatura, espaço? Talvez seja esta mistura que nos deixa perplexos (...) esta luz que nos impede de ver, que nos deixa maravilhados, completamente perdidos e baralhados..." (\*)

(\*) Alexandra de Almeida Leite, "Profundidade".  
3º Ano do Curso de Arquitectura Paisagista, Universidade de Évora, Outubro de 1988.

A noção da complexidade luminosa transparece aqui juntamente com a consciência daquilo que preenche a profundidade. A luz, torna-se neste trabalho sobre a "Profundidade", um dos elementos mais importantes.

Resta-nos falar de I.7, Praia Grande, que está já numa terceira viagem de estudo em Novembro do mesmo ano, sob um tempo muito instável e de frequentes variações luminosas e cromáticas, quase sempre sob luz difusa o que retirava à paisagem, brilho, contraste e cor.

O factor variável é francamente menor que no caso anterior, ocorrendo num caso como franca oposição "calmante-excitante". Mas a nota mais significativa vai para a nítida dominância da "dimensão" como factor de maior beleza, juntamente também com a dominância "azul".

A relação afectiva na memória transparece aqui com toda a força que lhe dá o facto de ser uma das paisagens mais experimentadas da infância e da juventude, transportando um momento especialmente importante da vida: as férias.

## CONCLUSÃO

Queremos apenas apontar algumas ideias que nos foram surgindo à medida da interpretação e que nos parecem fundamentais não só como conclusão mas também como crítica para uma experimentação futura que desejaríamos levar a cabo.

1. Em primeiro lugar, sentindo e sabendo a evidência da falibilidade destes dois tipos de inquérito, que ao longo das interpretações ficou patente, sentimos de igual modo

o valor vital que deles se transmite a quem se dedica a uma Poética da Paisagem.

E mais o sentimos porque participantes convictos e empenhados na complexidade do sentir humano perante a paisagem, ao qual nem como inquiridores nos pudemos furtar.

Daqui resulta uma sensação dividida entre o que sabemos frágil e inconcludente nestes inquéritos e o que percebemos como vital e inegável valor para a poética.

Mais do que dados rigorosos e objectivos, que nunca pretendemos obter, assegurámos para nós próprios, a pesquisa efectuada, como uma possibilidade real de aferição de **valores e qualidades**, não no individuo ou na paisagem, independentemente tomados, mas numa **consustanciação** vivencial.

2. Como facilmente se verifica pelas interpretações, a validade de cada um dos inquéritos é consideravelmente diferente.

Aquele que ocorreu em primeiro lugar (Inquérito à Ideia de Paisagem), é sem dúvida de quase nulo alcance comparado com o que se pode retirar do segundo. O primeiro, (Inquérito à Ideia de Paisagem) permite apenas uma leitura linear sem quase possibilidades de relação e, por isso mesmo, é uma evidência numérica fria.

O "Inquérito à Experiência de Paisagem" permite por seu lado, pela muito maior complexidade de situações, espaço-tempo-pessoa, um outro olhar e um outro perceber.

Como se verifica pela interpretação feita e ao contrário de outros que conhecemos e em que participámos de carácter socio-económico (\*), encontra-se não exclusivamente nas quantificações e correlações simples das respostas, mas na sua relação com as ambiências espaço-temporais e bem assim com o estado emocional, afectivo e comportamental do grupo inquirido.

A interpretação numérica nada tem de significado (esta, a reduzida validade e interesse do primeiro inquérito) sem esta relação, o que implica inegavelmente a presença observadora e sensível do inquiridor nos locais e a compreensão do grupo inquirido.

É, evidentemente, a ambiência espaço-temporal um factor exclusivamente subjectivo, já que entra com a observação emotiva do inquiridor acrescentada à subjectividade da própria ambiência enquanto paisagem poética.

3. Não cremos, pelas dificuldades e flutuabilidade das hipóteses experimentadas, podermos levar a cabo um mais profundo trabalho neste campo tão complexo sem uma íntima participação do sociólogo e do psicólogo, inclusivé já na preparação do próprio inquérito.

Preparação e interpretação pressupõem e exigem uma afinidade de intenções que de modo nenhum são desligáveis. E, como atrás dissemos, também a estes

(\*) Referimo-nos a inquéritos à população no domínio do Urbanismo e Planeamento Urbano enquanto Técnico de Urbanismo entre 1970 e 1976, na Hidrotécnica Portuguesa nomeadamente no Plano Director de Leiria, Plano Director da Covilhã e Plano Director da Ilha de Moçambique entre outros.

especialistas será necessário para poderem interpretar, serem participantes no acto de inquirir, com tudo o que ele comporta de percepção, neste caso específico.

4. A interpretação, propositadamente breve, pois que sendo exaustiva perderia significado, fizemo-la sobretudo pela "dominância" das respostas e pelos casos mais "contrastantes" verificados.

Poderíamos aprofundá-la muito mais, mas julgamo-lo inútil no presente momento, já que a subjectividade aumentaria consideravelmente e, a nada mais conduziria senão à dispersão de razões e significados e a um puro jogo especulativo.

5. As sensações tácteis não surgem aqui inquiridas (Inquérito à Experiência de Paisagem) devido à dificuldade de as enunciar sem a conotação quase exclusiva da palpação manual.

No "Inquérito à Ideia de Paisagem" (P.14) verificámos a pouca importância dada a estas sensações enquanto percepção exteroceptiva e mesmo proprioceptiva, conducentes a uma noção de espaço (\*) e que depois confirmámos em troca de impressões com os alunos inquiridos.

Para que pudessemos inquirir sobre elas, teríamos de previamente esclarecer a sua cientificidade de onde possivelmente resultariam respostas demasiado dirigidas e portanto pouco credíveis em comparação com as outras.

(\*) Ellie, Cours de Psychologie, p. 161.

6. A dificuldade em uniformizar critérios de interpretação das palavras utilizadas, por parte dos inquiridos, se bem que procurássemos os termos mais correntes, foi um dos factores que mais nos preocupou, porque o entendíamos decisivo para a obtenção de resultados seguros.

7. Sentimos também que há muito de aleatório na interpretação que fazemos. Pressentimos que ela não tem fim e que pode continuar relacionando factos, respostas e ambiências, tornando-se assim tão especulativa quanto falível.

Para uma mais funda interpretação seria necessário uma maior quantidade e diversidade de dados que minorasse o risco interpretativo, da já grande subjectividade inquirida e da própria acção interpretativa.

8. Decisivo seria, sem dúvida, o cruzamento de respostas no inquérito do individuo inquirido, e o consequente estudo de ocorrências, depois, no conjunto de inquiridos, tal como nos propôs o Dr. António João de Brito P. Santos, o que implicaria que o inquérito não fosse anónimo.

Em futuro trabalho e numa mais profunda procura, teremos seguramente de enveredar por este aspecto.

9. Pensamos, por fim, após esta experiência e como contraponto ao tipo de universo inquirido, utilizar futuramente universos diferentes quer no meio urbano quer no meio rural.

Este último interessa-nos particularmente para a análise do seu sentir e pensar a paisagem que, sobretudo, existe veiculada por uma oralidade.

Sabemos, contudo, de dificuldades intransponíveis neste meio, já pelo afastamento cultural que dificulta a comunicação de diferentes terminologias, já pela dificuldade de o realizar tal como realizámos este, em simultaneidade de tempo, local e grupo.

QUADRO I		INQUÉRITO À IDEIA DE PAISAGEM	
		APURAMENTO	
1	Como conceito global de vida prefere:	URBANO RURAL NATURAL ( NA NATUREZA )	7 3 10
2	Perante a hipótese de escolha de um local onde viver, escolheria:	CIDADE VILA ALDEIA CAMPO JUNTO AO MAR MONTANHA	3 1 2 6 9 -
3	De entre estes tipos de paisagem qual acha a mais bela ?	MONTANHA PLANICE MAR FLORESTA	2 1 12 4
4	Quando se fala em belo que imagem lhe ocorre ?	UM ROSTO MÚSICA POESIA PAISAGEM CORPO HUMANO DEUS NATUREZA ARTE CIÊNCIA	3 - - 5 1 - 10 2 -
5	O que sente perante a ideia de paisagem ?	DOR ALEGRIA CALMA MELANCOLIA EUFORIA CRIATIVIDADE ESTIMULO NADA	- 2 12 2 - 3 2 -
6	Qual o momento do dia que acha mais belo	AURORA NASCER DO SOL MANHÃ MEIO-DIA TARDE ENTARDECER POENTE CREPUSCULO NOITE	1 6 2 - - 4 5 2 1
7	Diante de uma bela paisagem que atitude tem ?	LÊ MEDITA ESCREVE PINTA CANTA DESENHA ENTRISTECE DORME OLHA DIVAGA INTERROGA-A INTERROGA-SE	- 3 - - 1 1 - - 8 6 - - -
8	Das actividades acima mencionadas qual gostaria de poder fazer?	ESCREVER DESENHAR PINTAR INTERROGA-SE CANTAR	4 5 7 1 1
9	Em que aspecto se encontra, no seu entender, a maior beleza da paisagem ?	CÔR DIMENSÃO PROFUNDIDADE FORMA VEGETAÇÃO LUZ CÉU RELEVO	4 5 4 - 2 5 - -
10	Que paisagem acha mais bela ?	COM NUVENS E SOL COM NUVENS E SEM SOL CÉU LIMPO COM NEBLINA NEVOEIRO TEMPESTADE	6 1 6 3 - 2
11	Prefere uma paisagem com :	SONS ( vento, água, pássaros, insectos ) SONS ( pessoas, cães, carros ) SILÊNCIO	17 - 3
12	Prefere uma paisagem de arvoredos :	COM VENTO E MOVIMENTO CALMA E IMÓVEL	13 7
13	O aroma é importante para si nas paisagens ?	SIM NÃO	20 1
14	Diante de uma paisagem qual a ordem de reacção dos seus sentidos ? Número.	TACTO OLFACTO VISÃO AUDIÇÃO GOSTO	- 2 17 2 -
15	Ao apreciar uma paisagem prefere estar só ou necessita de comunicar o que sente ?	SÓ ACOMPANHADO	13 7
16	Prefere ver a paisagem contemplando-a quieto, ou deslocando-se diante dela em viagem ?	IMÓVEL EM MOVIMENTO	10 10

QUADRO II INQUÉRITO À EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM APURAMENTO		I.2. P.GARCIA 12:00 horas	I.3. MONSANTO 17:00 horas	I.4. IDANHA 20:00 horas	I.5. NODAR 18:45 horas	I.6. NODAR 10:50 horas	I.7. P.GRANDE 13:45 horas	TOTAIS
PERGUNTA	RESPOSTA	Nº INQUIRIDOS - 28	Nº INQUIRIDOS - 27	Nº INQUIRIDOS - 16	Nº INQUIRIDOS - 16	Nº INQUIRIDOS - 16	Nº INQUIRIDOS - 13	
1. Que atitude mais lhe apetece ter diante desta paisagem?	COMTEMPLATIVA ACTIVA	23 6	25 2	9 7	7 8	9 8	9 4	82 35
2. Em termos qualitativos diga se esta paisagem é :	MUITO BELA BELA MED. BELA C / POUCA BELEZA S / BELEZA	3 11 - -	13 10 3 - 1	6 8 2 - -	4 9 2 - -	6 11 - - -	6 5 1 - -	38 58 19 - 1
3. Que relação pode estabelecer com esta paisagem?	AFFECTIVA AGRADÁVEL DISTANTE IMPESSOAL APENAS VISUAL	5 22 1 - -	9 13 2 - 2	7 9 - - -	9 5 - - -	7 8 1 - 1	8 4 - - -	45 71 4 - 3
4. Que tipo de influência tem esta paisagem sobre si?	CALMANTE EXCITANTE PASSIVA NÃO INFLUENTE	25 1 3 -	15 3 - 1	14 2 - -	12 2 - -	9 6 2 -	7 4 - -	82 18 5 1
5. Essa influência que lhe provoca?	CRIATIVIDADE INDIFERENÇA INIBIÇÃO ALEGRIA NOSTALGIA	8 - - 7 14	9 1 2 5 9	4 1 - 4 7	10 1 - 3 1	9 - - 2 5	4 - - 3 5	44 3 2 24 41
6. Esta paisagem tem para si alguma relação afectiva na memória?	SIM NÃO	21 8	17 10	11 5	9 6	7 10	10 1	85 40
7. Onde reside a maior beleza desta paisagem?	CÔR DIMENSÃO LUZ PROFUNDIDADE ESTRUTURA GRAÇA PITORESCO GRANDIOSIDADE	- 5 2 10 8 - - 1	1 9 2 5 1 - - 9	11 - 2 - - 1 - 1	4 2 2 1 3 - - 3	4 2 6 1 3 - - 1	- 6 2 2 - - - 3	20 24 16 19 15 1 1 18
8. Esta paisagem onde está tem aroma?	SIM NÃO	18 10	7 17	15 -	10 4	11 5	8 4	69 40
9. Qual o som predominante desta paisagem?		PÁSSAROS 17 DIV. ANIM. 3 ÁGUA 2 VOZ. HABIT. 1 CALMIA 1 MOV. ALDEIA 1 SILENCIO 1 SINOS 1 VENTO 1 CARROS 1	VENTO 22 ANIMAIS 1 SILENCIO 1 PÁSSAROS 1	PÁSSAROS 9 GRILOS 3 ANIMAIS 1 NATUREZA 1 CALMIA 1	ÁGUA 13 PASSAROS 1 CHOCALHOS 1	ÁGUA 16 MAR 10		
10. Aluz geral é :	DOCE CRUA FORTE FRACA SUAVE DIFUSA	2 1 20 - 4 2	2 3 11 - 2 9	12 - 2 - 2 -	3 - 1 3 3 5	1 1 6 - 1 8	4 1 - 1 3 3	24 6 40 3 15 27
11. Qual a cor dominante?		VERDE 12 VER. SECO 3 TONS VER. 2 VER.+CAST. 2 TONS DE VER. 2 E CAST. 2 VER. CLARO 2 ACASTAN. 2 VER. MÉDIO 2 VERDE SECO 2 ACINZ. 2 TONS 2 ACAST. 2 AMAR. / 2 / CINZ. 2	VERDE 6 AZ. ACINZ. 6 VAR. VER. E 6 CASTAN. 6 VER.+CAST. 6 VER.ACINZ. 6 CASTANHOS 6 ACASTAN. 6 VER./CAST. 2 VER. CINZA 2 VER./CAST. 2 VER. AZUL. 2 VER. MUITO 2 SECO 2 VER.E CINZ. 2 AZULADO 2 VER. TERRA 2 ACAST. 2 AZUL. 2 GR.VAR.TONS 2 DE VERDE 2 VER. SECO 2 VER.AMAR. 2	VERDE 3 AMARELO E 3 BRANCO 2 AMARELO 2 BRANCO ES- 2 VERDEADO 2 BR. E VER. 2 BRANCO 2 VERDES 2 VER. AMAR. 2 E BRANCO 2 AMARELO 2 ESVER. 2	VERDE 8 AZUL CINZ. 8 AMARELO 8 TONS ESC. 8 VERDE 8 ACINZENT. 2 VER.OLIVA 2 AZULADO 2 VERDE 2 PINHEIRO 2 MIST. VERDE 2 E CAST. 2 VERDES 2 ACASTAN. 2	VERDE 6 AZUIS 6 TONS ESC. 6 VERDE 6 ACINZENT. 2 VER.OLIVA 2 AZULADO 2 VERDE 2 AMAREL. 2 VER. ESC. 2	TONS 6 AZULADOS 6 AZUL ESVER- 6 DEADO 6 CINZENTO 6 AZULADO 6 AZUL CINZ. 6 ESC. VER. 6 AZUL / VER. 6 AZUL E VER. 6 CINZENTO 6 AZUL 6 ACINZENT. 2 AZUL 2 CINZ. AZUL. 2 E ESVER. 2	
12. O tom geral da luz é :	QUENTE FRIO	21 8	16 10	12 3	6 9	10 6	3 9	68 45
13. Que palavra escolheria para definir o que sente perante esta paisagem?		CALMA 8 PRAZER 2 PORTUGAL INFINITA VOAR QUIETUDE AMISTOSA ADMIRAÇÃO IMENSIDÃO INTERIOR. 2 AMIZADE PATRIA CALMIA PEQUENO PACATA AMPLA LIBERDADE ORDEM RITMO	CALMA 3 INCAPACID. 3 ESPANTO 3 ADMIRAÇÃO 3 PEQUENEZ 3 CALOR 3 SONHO 3 MOSAICO 3 OMNISCIENTE 3 S / PALÁVRAS 3 PREENCHENTE 3 EXTENSÃO 3 LEVEZA 3 BELA 3 CONTRASTE 3 DESOLACÃO 3 AGRESTE 3 MAR 3 RELAXANTE 3 PRAZER 3 GRANDIOSID. 3 LIBERDADE 3 ALEGRIA 3 ENORME 3 TRANQUIL. 3	CALMA 3 CALMANTE 3 PAIXÃO 3 REPOUSO 3 RELAXANTE 3 FELIZ 3 SUAVIDADE 3 MARAVIL. 3 APAIXONADA 3 MELODIA 3 NAUFRAGIO 3 PAZ 3 HARMONIOSA 3	TRANQUILID. 3 SOBRE-VIVER 3 CALMA 3 CALMA 3 GRANDIOSID. 3 PENSAMENTO 3 PRAZER 3 BOM 3 BEM-ESTAR 3 ADMIRAÇÃO 3 PAIXÃO 3 FELIZ 3 DESLUMBR. 3 IMPOTÊNCIA 3 INDIFERENÇA 3	BONITA 3 CANTO 3 CALMA 3 ADMIRAÇÃO 3 NÃO ENCON- 3 TRA 3 INDIFERENÇA 3 PAZ 3 AMPLITUDE 3 PEQUENEZ 3 VIDA 3 NÃO T. PAL. 3 ADMIRAÇÃO 3 TRISTEZA 3	SAUDADE 3 NÃO T.PAL. 3 LIBERDADE 3 TRANQUIL 3 ENEBRIANTE 3 PEQUENEZ 3 INSIGNIFI. 3 MOVIMENTO 3 FELICIDADE 3 PRAZER 3 GRANDIOSI- 3 DADE 3 PARTIR 3	

**QUADRO III****INQUÉRITO À EXPERIÊNCIA DA PAISAGEM****SÍNTESE**

<b>INQ. PERG.</b>	<b>I. 2.</b>	<b>I. 3.</b>	<b>I. 4.</b>	<b>I. 5.</b>	<b>I. 6</b>	<b>I. 7.</b>
P. 1.	CONTEMPLATIVA	CONTEMPLATIVA	CONTEMPLATIVA ACTIVA	CONTEMPLATIVA ACTIVA	CONTEMPLATIVA ACTIVA	CONTEMPLATIVA
P. 2	BELA MED. BELA	MUITO BELA BELA	BELA MUITO BELA	BELA	BELA MUITO BELA	MUITO BELA BELA
P. 3.	AGRADÁVEL	AGRADÁVEL AFECTIVA	AGRADÁVEL AFECTIVA	AFECTIVA AGRADÁVEL	AGRADÁVEL AFECTIVA	AFECTIVA
P. 4.	CALMANTE	CALMANTE	CALMANTE	CALMANTE	CALMANTE EXCITANTE	CALMANTE EXCITANTE
P. 5.	NOSTALGIA	CRIATIVIDADE NOSTALGIA ALEGRIA	NOSTALGIA ALEGRIA CRIATIVIDADE	CRIATIVIDADE	CRIATIVIDADE NOSTALGIA	NOSTALGIA CRIATIVIDADE ALEGRIA
P. 6.	SIM	SIM NÃO	SIM	SIM NÃO	NÃO SIM	SIM
P. 7.	PROFUNDIDADE ESTRUTURA	DIMENSÃO GRANDIOSIDADE PROFUNDIDADE	CÔR	CÔR ESTRUTURA GRANDIOSIDADE	LUZ CÔR	DIMENSÃO
P. 8.	SIM NÃO	NÃO	SIM	SIM	SIM	SIM
P. 9.	PÁSSAROS	VENTO	PÁSSAROS	ÁGUA	ÁGUA	MAR
p. 10.	FORTE	FORTE DIFUSA	DOCE	DIFUSA SUAVE FRACA DOCE	DIFUSA FORTE	DOCE SUAVE DIFUSA
P. 12.	QUENTE	QUENTE FRIO	QUENTE	FRIO QUENTE	QUENTE FRIO	FRIO
<b>FACTOR VARIÁVEL *</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>6</b>	<b>9</b>	<b>5</b>

\* Factor variável, indica o número de respostas multiplas por cada paisagem inquiridas.

# INQUÉRITO A IDEIA DE PAISAGEM

N.º.....

I.....

1	Como conceito global de vida prefere:	URBANO, RURAL, NATURAL (NA NATUREZA)
2	Perante a hipótese de escolha de um local onde viver, escolheria:	CIDADE, VILA, ALDEIA, CAMPO, JUNTO AO MAR, MONTANHA
3	De entre estes tipos de paisagem, qual acha a mais bela?	MONTANHA, PLANÍCIE, MAR, FLORESTA
4	Quando se fala em belo que imagem lhe ocorre?	UM ROSTO, MÚSICA, POESIA, PAISAGEM, CORPO HUMANO, DEUS, NATUREZA, ARTE, CIÊNCIA
5	O que sente perante a ideia de paisagem?	DOR, ALEGRIA, CALMA, MELANCOLIA, EUFORIA, CRIATIVIDADE, ESTÍMULO, NADA
6	Qual o momento do dia que acha mais belo	AURORA, NASCER DO SOL, MANHÃ, MEIO-DIA, TARDE, ENTARDECER, POENTE, CREPUSCULO, NOITE
7	Diante de uma bela paisagem que atitude tem?	LÊ, MEDITA, ESCREVE, PINTA, CANTA, DESENHA, ENTRISTECE, DORME, OLHA, DIVAGA, INTERROGA-A, INTERROGA-SE
8	Das actividades acima mencionadas qual gostaria de poder fazer?	
9	Em que aspecto se encontra, no seu entender, a maior beleza da paisagem?	CÔR, DIMENSÃO, PROFUNDIDADE, FORMA, VEGETAÇÃO, LUZ, CÉU, RELEVO
10	Que paisagem acha mais bela?	COM NUVENS E SOL, COM NUVENS E SEM SOL, CÉU LIMPO, COM NEBELINA, NEVOEIRO, TEMPESTADE
11	Prefere uma paisagem com:	. SONS (vento, água, pássaros, insectos) . SONS (pessoas, cães, carros) . SILÊNCIOSA
12	Prefere uma paisagem de arvoredos:	. COM VENTO E MOVIMENTO OU . CALMA E IMÓVEL
13	O aroma é importante para si nas paisagens?	. SIM . NÃO
14	Diante de uma paisagem qual a ordem de reacção dos seus sentidos? Numere.	TACTO, OLFACCTO, VISÃO, AUDIÇÃO, GOSTO
15	Ao apreciar uma paisagem prefere estar só ou necessita de comunicar o que sente?	. SÓ . ACOMPANHADO
16	Prefere ver a paisagem contemplando-a quieto, ou deslocando-se diante dela em viagem ?	. IMÓVEL . EM MOVIMENTO

# INQUÉRITO À EXPERIÊNCIA DE PAISAGEM

Nº.....

I.....

LOCAL.....

1	Que atitude mais lhe apetece ter diante desta paisagem?	CONTEMPLATIVA ( ver, meditar, apreciar ) ou ACTIVA ( desenhar, passear, falar ...)
2	Em termos qualitativos diga se esta paisagem é:	MUITO BELA, BELA, MEDIANAMENTE BELA, COM POUCA BELEZA, SEM BELEZA.
3	Que relação pode estabelecer com esta paisagem?	AFFECTIVA, AGRADÁVEL, DISTANTE, IMPESSOAL, AFECTAS VISUAL.
4	Que tipo de influência tem esta paisagem sobre si?	CALMANTE, EXCITANTE, PASSIVA, NÃO INFLUENTE.
5	Essa influência, que lhe provoca?	CRATIVIDADE, INDIFFERENÇA, INIBIÇÃO, ALEGRIA, NOSTALGIA.
6	Esta paisagem tem para si alguma relação afectiva na memória? Recordá-lhe outra ou algum facto agradável?	: SIM . NÃO
7	Onde reside a maior beleza desta paisagem?	CÔR, DIMENSÃO, LUZ, PROFUNDIDADE, ESTRUTURA, GRAÇA, PITORESCO, GRANDIOSIDADE.
8	Esta paisagem onde está, tem aroma?	. SIM . NÃO
9	Qual o som predominante desta paisagem?	
10	A luz geral é:	DOCE, CRUA, FORTE, FRACA, SUAVE, DIFUSA.
11	Qual a côr dominante?	
12	O tom geral da luz é:	. QUENTE . FRIO
13	Que palavra escolheria para definir o que sente perante esta paisagem?	

**ANEXO II**  
**OBSERVAÇÕES DE UM DIA DE LUZ**

## OBSERVAÇÕES DE UM DIA DE LUZ

Para além do que a experiência formulou quanto aos momentos do Dia a que nos referimos, (Vol I, p. 327) afigurou-se-nos necessário observar sistematicamente a evolução da unidade dia/luz relativamente à ocorrência dos factores mais decisivos.

Fizemos assim duas observações experimentais (Setembro de 1988 e Maio de 1989) registando hora a hora as variações de : **luminosidade do ar, temperatura do ar, sonoridade e aroma.**

Procurámos com estas duas observações, verificar aquilo que o conhecimento empirico e subjectivo detectou na experiência da paisagem. Procurámos também testar estas observações utilizando-as por outro lado na definição dos momentos do dia.

Conquanto soubessemos de cada um deles faltáva-nos conhecer mais objectivamente o que os caracterizava e de como evoluíam, bem como a evolução de um dia nos seus vários aspectos.

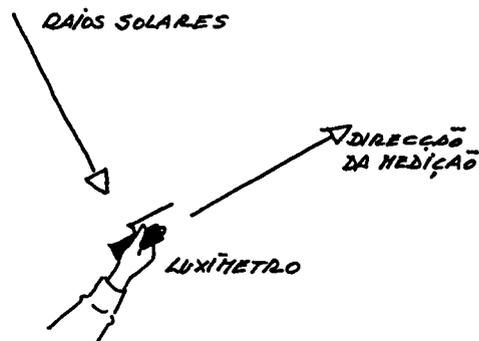
Se bem que os dois primeiros processos de medição luminosidade e temperatura sejam objectivos, os dois últimos, permanecem subjectivos dado que para a sua avaliação, tal como nos interessa na vivência da paisagem, não possuímos meios rigorosos de medição. São assim avaliados pelos sentidos e traduzidos gráficamente em intensidade (aroma) e variedade (sonoridade).

São observações muito simples mas que se nos tornou indispensável fazer, para saber em que circunstâncias ocorrem. Na vivência da paisagem sentimos o aroma, as temperaturas, a maior ou menor luminosidade bem como as

diversas sonoridades da paisagem, mas desconhecemos a sua evolução, quer de cada factor em si mesmo ao longo do dia, quer no seu conjunto interrelacionado.

As duas observações ocorreram no mesmo local em datas diferentes e utilizando os mesmos instrumentos e processos de leitura.

Para a medição da luz utilizámos um Luxímetro (Gossen Lunasix II) fazendo as medições com o aparelho protegido da radiação directa e em posição próxima dos  $90^\circ$  com a incidência solar.



As temperaturas foram tomadas à sombra e a 1,50 m de altura do solo.

No intervalo de cada medição fomos anotando as diversas ocorrências na paisagem que contribuem para o completamento dos dados observados e medidos.

Elaborámos para cada uma das observações um gráfico comparativo que nos dá para cada hora, uma leitura conjunta das quatro ocorrências.

Quanto à validade e utilidade das observações constatamos o seguinte:

1. Para que possamos obter conclusões generalizáveis quanto às relações - luz, temperatura, cor, aroma, sonoridade -

torna-se necessário uma maior frequência de observações por cada Estação (15 a 20).

2. As observações devem ser todas feitas com céu limpo dado que a nebulosidade introduz factores de variação não controlável entre os quatros factores observados. A progressão relacionada de luz-temperatura é drasticamente alterada pelo aparecimento de nebulosidade e de modo mais notório no que se refere à luminosidade. (v. gráfico 2)
3. Pensamos ser fundamental a obtenção de dados de humidade do ar porquanto se relacionam intimamente com os aromas.
4. Das questões acima expostas conclui-se que seria indispensável um ano de observação para que se pudesse estudar a progressão dos diversos factores correlacionados entre si.

#### INTERPRETAÇÃO

Sendo apenas duas observações experimentais poderemos no entanto retirar daqui algumas conclusões, no que se refere aos diferentes momentos do dia.

Comparando os dois gráficos verificamos que há diferenças de duração num mesmo momento já que é diferente a duração de luz, numa e noutra observação.

Não há a pretensão de encontrar uma forma rigorosa de determinar o inicio e o fim de cada momento. É a sensibilidade atenta para todos os acontecimentos da paisagem que os define, consagrando-os numa sensação de valores. No entanto a sua observação, objectiva e subjectiva, contribui decisivamente

para a sua percepção, já que conhecendo-as, melhor nos situamos.

Sabemos por experiência, que os dias encobertos e chuvosos perturbam e quase anulam a percepção dos momentos.

A ausência de luz directa e as menores variações de luz e temperatura igualam o tempo do Dia e transformam-no num só tempo, com apenas inicio e fim.

O estabelecimento de cada momento, e a passagem ao seguinte é, como se verifica pela leitura da observação escrita, substancialmente ditada pela variação qualitativa da luz. Diríamos mesmo que é ela que comanda em primeiro lugar a distinção do momento.

No primeiro período do dia, é a madrugada com a primeira luminosidade, que comanda a sonoridade das aves, se bem que a do rouxinol e a dos grilos tal como o aroma, provenham já da noite.

A madrugada e o nascente aparecem-nos assim como os dois momentos mais intensos de vida relacionando a luz que nasce e os animais que despertam, os aromas fortes e as temperaturas agradáveis.

Durante a manhã há uma acalmia gradual de sonoridades e a perda dos aromas, mas uma considerável subida de luminosidade e de temperatura.

O meio-do-dia caracteriza-se por certa estabilidade da luminosidade, que atinge o seu máximo, elevando-se ainda a temperatura, até um pouco mais tarde.

Quanto à tarde é sobretudo uma dulcificação da luz que a define, quer em intensidade quer em coloração.

O crepúsculo define-se não já pela quantidade da luz, mas muito mais pela sua quase ausência que implica a drástica perda de cor, terminada que é a coloração final do poente e havendo apenas a luminosidade difusa.

Não podemos expandir-nos em mais interpretações pois as duas observações experimentais não o permitem. Elas servem-nos sobretudo para confirmar os momentos do dia pela variação dos aspectos observados, e mais ainda a necessidade de um número elevado que permita leituras seguras em circunstâncias idênticas de observação.

Para além das medições e observações de hora a hora que constam nos gráficos e que nos dão a evolução dos quatro factores observados, apresentamos também as notas tomadas.

6.30 - Alva - Momento de transição em que se misturam restos de noite com os inícios do dia. As últimas aves nocturnas sobrepõem-se às primeiras diurnas - mochos e melros.

Clareia rapidamente.

O aroma, é uma mistura de terra húmida e cheiros indefinidos. É um cheiro a madrugada. Aroma bom, muito leve. O ar é fresco. Não há vento. Vai estar um dia muito quente.

A alva é este momento preciso, um primeiro tempo de claridade ainda só no céu. A mistura da noite e do dia. Algo que pára e transmite a vida a algo que começa, entre a escuridão e a claridade; entre a quietação e a actividade; entre o sossego e o bulício.

6.40 - Claridade suficiente para escrever. No Nascente o céu é rosa-claro, sujo, de luminosidade fraca e baça.

Alguma neblina.

Acentua-se o aroma da terra já sem o bom aroma inicial.

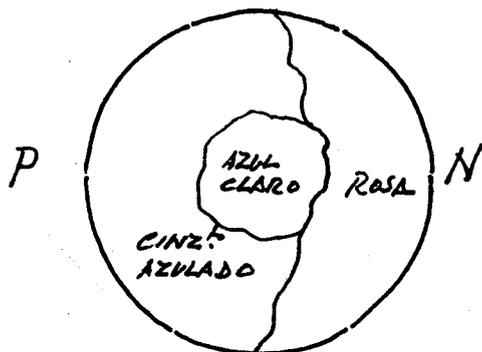
Passou a alva e caminhamos para o Nascente.

Um ou outro grilo ainda, de mistura com os primeiros pássaros, que cantam na sebe do ribeiro e nas oliveiras.

Para Poente, a cor do céu é cinzento nítido, com leve tom azulado.

O luxímetro acusa alguma luz.

- 6.50 - Olhando na vertical percebo o centro da abóbada celeste mais azul e mais transparente.



Há humidade no tejadilho dos carros, pouca, mas suficiente para dar o cheiro a terra molhada.

- 7.00 - Aroma praticamente nulo. levanta-se exactamente agora uma brisa. Está mais frio. Bastante claro. O branco da cal quase emite luz. Ainda não há sol. No Nascente o rosa é bastante mais vivo mas a luz do ar é ainda fria. O contrário do Poente.

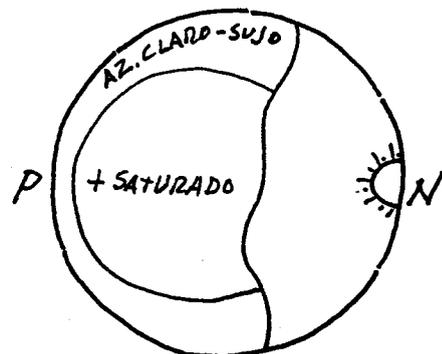
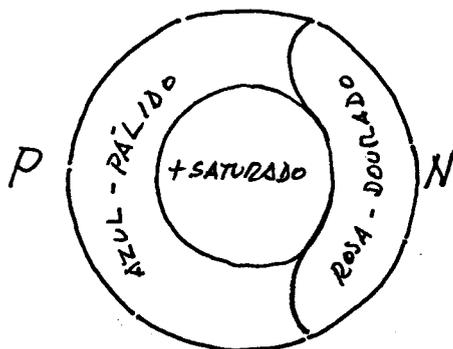
- 7.10 - Sol quase a rebentar. Satura-se o azul no topo da abóbada.

De minuto a minuto reforça-se o Nascente. Passa do rosa vivo ao doirado, na pequena área próxima do sol.

- 7.15 - A temperatura voltou aos 20°.

Em volta do nascente o azul é pálido misturado-se com o rosa-doirado. Mais claro o azul no Poente.

Mais saturado ainda no topo da abóbada.



- 7.20 - Aparece agora o sol amarelo brilhante. Ergue-se

rápida uma bola, que em segundos já, é impossível de olhar. NASCENTE.

7.27 - Altura do sol ao nível das copas das oliveiras, todo descoberto. Temperatura 20,5.

7.45 - Alarga-se a saturação do azul e desloca-se, também.

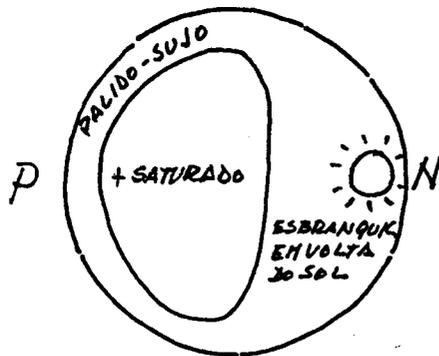
A luz do sol destroi já parte do azul em sua volta.

A luz incidente é amarelo vivo.

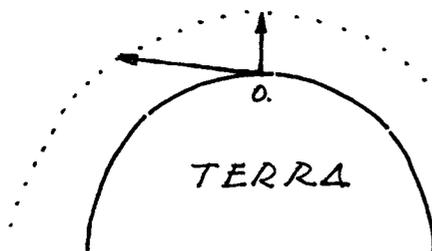
Estamos no período da MANHÃ.

Sol nascido, já sem características da luz do nascente.

Não era laranja nem vermelho mas amarelo-claro brilhante, como um metal incandescente ao máximo.



8.10 - Há difusão na faixa do horizonte. Deve-se concerteza



à maior espessura da camada de ar húmido a atravessar pelos raios solares. Na vertical, o azul encontra-se muito mais saturado.

8.25 - Continua uma muito maior saturação do azul no topo da abobada.

Temperatura 23,5°.

Permanecendo cá fora, e para aromas fracos ou quase nulos perdemos a capacidade de destinação, mesmo a de perceber claramente se existe ou não aroma.

Apenas sinto que o ar é ainda BOM e LEVE.

Calma absoluta. A aragem que se faz sentir às 7.00 durou um ou dois minutos.

Continua o som dos grilos, melros, cartaxinhos, cães ao longe.

8.40 - Imobilidade. Mesmo as aves acalmam, relativamente ao período das 7 às 8 em que foi mais intenso.

8.45 - A luz não é fria já, mas é viva.

9.25 - Há menor contraste agora entre a faixa do horizonte e o topo da abóbada, por aumento da difusão nesta. Luz geral mais baça.

Brisa muito leve. Menos grilos, agora.

10.00 - Brisa um pouco mais forte.

A luz é mais baça. Talvez porque o aquecimento do ar eleva poeiras e humidades e a luz difunde-se genericamente. Pouco contraste entre a faixa horizontal e o topo da abobada. A cor da paisagem tem também menor brilho.

Plena MANHÃ.

NOTA: muito claro o céu em volta do sol e sobretudo, para baixo, até ao horizonte.

11.00 - Vento fraco constante. Insuficiente para ruído.

A luz está talvez um pouco mais baça e uniforme.

12.00 - Aumentou o vento. Há agora ruído. Que efeito tem?

Anima-se um pouco a visão da paisagem; alivia o tom baço e o calor; movimenta-se tudo.

Está a luz menos baça também, porque menos difusa.

Satura-se um pouco mais o topo.



14.00 - Surgem nuvens, algumas, de Nascente

15.00 - Abafadíssimo. Amontoam-se nuvens e o céu vai encobrir-se. Entramos na TARDE.

16.00 - Bastantes nuvens, ar de trovoada, muito quente.

17.00 - Céu parcialmente encoberto. As nuvens vão passando de nascente para poente.

Abrandou o vento. Quase silencioso. Mais baça a luz.

18.00 - Mantem-se a difusão, e o vento e as nuvens. Sol enfraquecido.

Começa agora a sentir-se um enriquecimento da luz apesar das tonalidades se manterem baças.

Mais suavidade, mais quente a cor das árvores e mesmo o restolho que todo o dia se apresentou branco está agora mais amarelo.

Não há nenhuma zona mais saturada no céu. Mais ou menos por igual. As nuvens não permitem distinções

mais precisas.

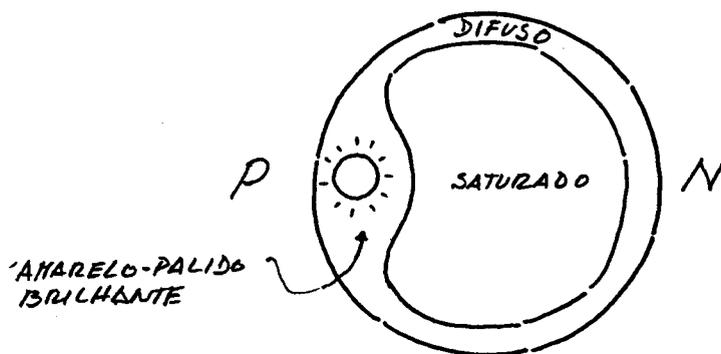
19.00 - Aquietação. A faixa do horizonte em volta, adquire tonalidades levemente violetas. A luz geral começa a rosar e o sol com bastante nevoa é amarelo pálido brilhante.

O que caracteriza mais este momento é a calma, a aquietação do ar, da luz, do vento.

As nuvens em volta do sol são amarelo muito pálido, quase marfim, brilhantíssimo quando atingidas directamente, ou cinzento-violeta, quando em sombra.

Há áreas livres no céu, no topo da abóbada, que voltam a saturar-se. Se bem que seja uma situação semelhante à da manhã, em posição contrária, o azul é no entanto

diferente. De manhã seria azul ultramarino e à tarde um azul da Prússia. (na zona saturada)



19.10 - Surgem insectos do crepúsculo (cetónias) e as garças iniciam a passagem em direcção ao nascente.

Quietude, paz, qualidade do ar e da luz. Evidenciam-se os elementos poéticos: o ar, a temperatura amena, a aragem, o momento, o tempo, a LUZ, a sonoridade (os sons isolam-se no ar e destiguem-se do silêncio). São agora duas coisas distintas: silêncio, e som dos pássaros e dos grilos.

O sol está prestes a pôr-se por detrás das oliveiras.

- 19.15 - Esconde-se o sol. Enfiamento: ponta mais avançada do telhado com a 2ª oliveira.  
Nasce e põe-se sensivelmente em pontos diametralmente opostos. Uma grande rotação, atingindo por volta das 13.30 a maior proximidade da vertical.
- 19.20 - Azul mais forte no topo. Amarelo e rosa alaranjado na zona do poente; levemente rosada toda a faixa do horizonte. O ar está limpo e transparente quando olho em direcção ao topo. Temperatura 33° e a luz em 2800 Lux.
- 19.35 - Já não há sol. Está um belo azul da Prússia, transparente, no topo da abóbada. Caminhando para nascente vai-se desfazendo para Ultramarino, depois Celeste, sempre transparente, profundo e limpo até aos tons de violeta-claro no horizonte Nascente.  
No Poente o azul aclara-se e já não é possível estabelecer cores mas só transparências que se misturam. Transparência doirada do quartzo e da água-marinha, transparências da água.  
A luminosidade está em 1400 Lux e o azul no topo satura-se muito, como ainda hoje não vira.  
Três garças vêm exactamente na direcção Poente-Nascente.
- 19.40 - Quase repentinamente há uma quebra de luz e toda a cor da paisagem morre. É o momento da penumbra.  
Os tons dourados do poente enfraquecem.  
A luminosidade está em 1225 Lux.

O belo azul do topo perde também qualidade.

Mantém-se ainda forte mas perdeu brilho.

Temperatura 31.5°

Sente-se um movimento no ar que nem é brisa.

Tudo está imóvel. Ouvem-se alguns pardais a recolher, e os melros e os grilos continuamente.

Há muito tempo que não ouço rouxinóis no ribeiro.

Quando e porque param de cantar?

19.50 - Está praticamente terminado o poente e vai iniciar-se o CREPÚSCULO. O limite é o desaparecimento da luz do Poente, no céu. Está quase extinta.

Aparecem as primeiras borboletas nocturnas.

Aparece agora uma brisa, como de manhã.

Quando o sol nasce, nesse momento levanta-se uma brisa momentânea. Agora sucede o mesmo, na transição de dois momentos. Tanto tenho reparado neste fenómeno, que quase arriscaria dizer que ele assinala o nascer e o morrer do sol.

Penso que haja uma explicação baseada na luz e na temperatura que provoca diferença de pressão e consequentemente a brisa.

19.55 - Toda a cor desaparece agora do local do Poente.

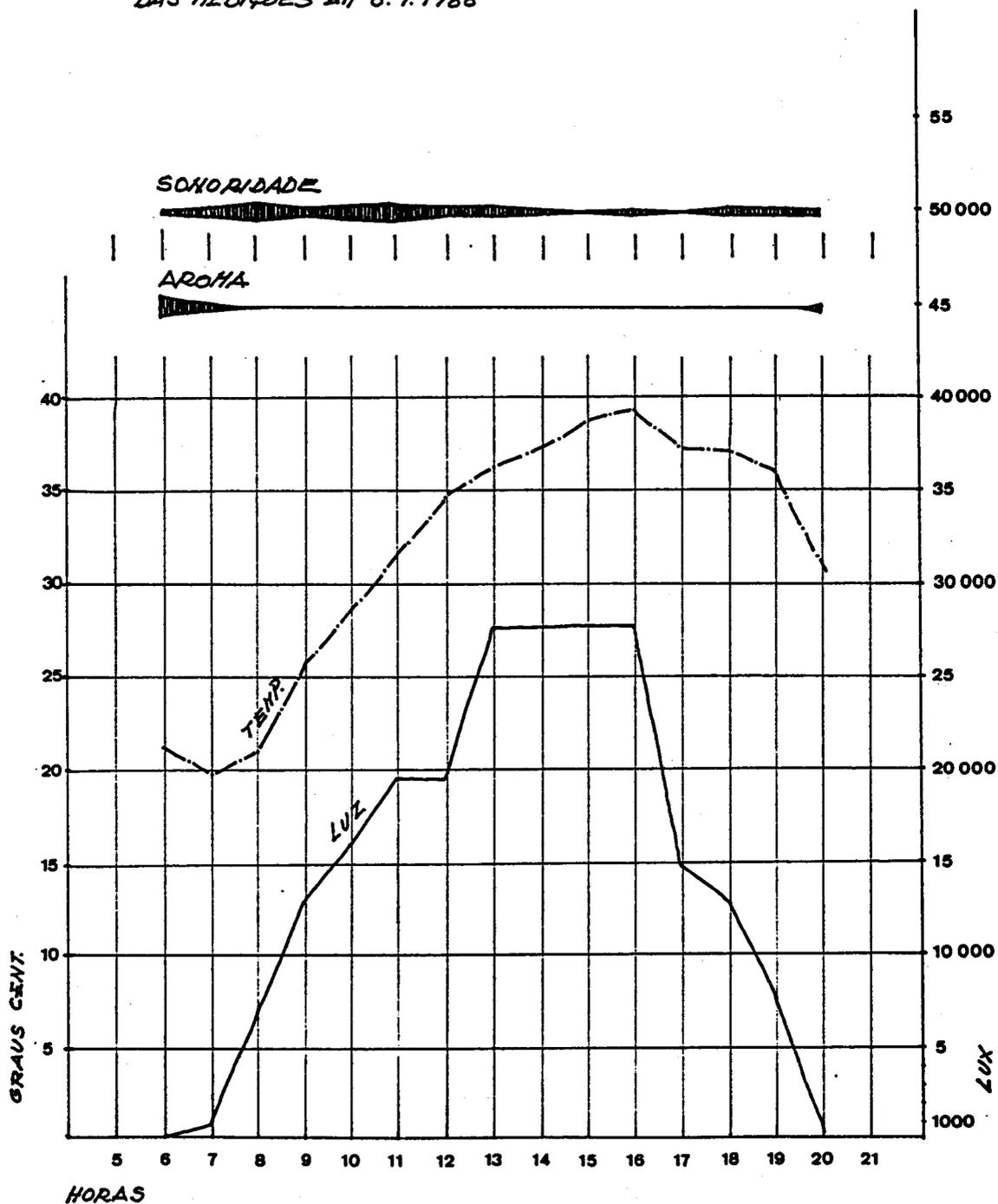
A luminosidade é 870 Lux, sensivelmente igual à das 7 horas.

Percebe-se agora, um regresso de algum aroma, que não sei identificar. Como tenho estado sempre no exterior perdi a possibilidade de os contrastar.

- 20.00 - Luminosidade, 350 Lux.
- 20.05 - O Luxímetro acusa apenas 100 de luminosidade em direcção ao topo como sempre tenho lido.  
Há luz bastante para ver a paisagem e escrever.
- 20.07 - A brisa traz ondas quentes, e ondas frescas.  
Só os grilos, que cantam.  
O céu no topo é cinzento azulado. No poente, cinzento-claro, rosado, leve, e no Nascente um pouco mais cinzento que o topo.
- 20.10 - O crepúsculo é longo, mas nada sinto de agonia, de morte. É certo que a luz morre, a cor, as coisas, morre tudo pelo espaço de dez ou onze horas em que o sol inicia outro dia no outro lado da terra. Nasce agora nos Estados Unidos emergindo do Atlântico.  
Começo a ter pouca luz para escrever. Em não podendo fazê-lo, isso marcará o ANOITECER e o fim do CREPÚSCULO.
- 20.15 - Quase só distingo as silhuetas. Tudo se iguala, nenhuma cor é cor. Unicamente distingo o azul do pé da casa e o verde das plantas que estão muito próximas.  
Mal vejo para escrever e os mosquitos que marcam este final de crepúsculo atacam já que chegou o seu momento.  
O Luxímetro nada acusa.
- 20.20 - Já nada vejo. Acabou o dia. Inicia-se a noite o descanso, o sono e o sossego.

# GRÁFICO 1

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA  
DAS MEDIÇÕES EM 6.9.1988



SEGUNDA OBSERVAÇÃO DE UM DIA DE LUZ - Dia 19 de Maio de 1989.

4.40 - Primeira sensação aromática - o cheiro da erva.

Rouxinol e grilos. Canta também o galo.

O ar é muito fresco e há uma aragem leve. É noite ainda.

5.00 - Canta um único rouxinol, perto de mim no ribeiro, como dono de tudo. Calaram-se os grilos.

A temperatura é de 12,5°.

Há uma vaga luminosidade no céu, sem escuridão absoluta.

Ao longe cantam outros rouxinóis.

5.10 - O clarear é extremamente lento no céu e percebe-se apenas porque as estrelas vão perdendo força e já mal se vêem. A brisa fresca continua.

Um mocho pia agora. Vários galos cantam também nos arredores.

5.15 - Melros cantam também neste momento, não o canto melodioso, mas o canto de quando se movem de um lado para o outro.

Todos os rouxinóis cantam agora.

Está mais claro o céu, mas não há luz para escrever.

5.25 - Clareia mais o céu. Já não se distinguem as estrelas.

Alguma cor rosada para Nascente.

Distinguem-se os objectos.

Canta uma imensidão de rouxinóis, sem mais outro som que o seu canto.

Continua o cheiro fresco a palha e a terra húmida. O responsável, é concerteza o feno ceifado que aguarda o enfardamento.

A parede da casa está luminosa bem como a barra azul.

5.35 - Com alguma dificuldade já se consegue escrever.

Mesmo que haja outra ave a cantar os rouxinóis não deixam ouvi-la.

Ao contrário do que se passa durante o dia em que os rouxinóis só estão no ribeiro, agora espalham-se por todo o lado.

E ouve-se o canto melodioso do melro, mais grave e calmo que do rouxinol.

Temperatura 13°.

Muda a brisa, vindo agora de nascente e mais tépida que a outra que vinha do poente.

Mantem-se o aroma do feno.

Nascente mais rosado. O alto da cúpula está azul morto.

5.45 - Todo este tempo é ainda um tempo de **alva**.

A luz é plena e tudo se distingue.

Após os primeiros momentos do Nascente inicia-se a manhã.

Cada vez mais rosado o Nascente; mais viva e mais quente a luz.

Para a esquerda uma barra de nebulosidade, acentua-se,

e um pouco por todo o céu leves nebulosidades em linhas, na direcção O - E.

A aragem tornou para Poente e fresca.

A temperatura baixou, mal chegando a 13°.

Só há pouco se começaram a ouvir os pardais.

O Luxímetro acusa 300 Lux.

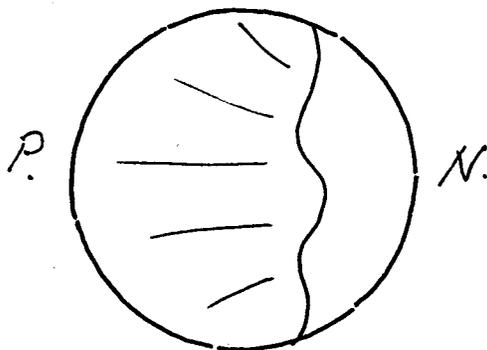
5.55 - É grande já o brilho no papel. A claridade aumenta e o rosa amortece para dar lugar a um laranja claro, quase amarelo.

Nas colmeias não há ainda qualquer actividade.

A nebulosidade por cima do Nascente está agora repentinamente de um rosa muito forte, com tendência para laranja e extremamente luminoso.

Nada dos fenómenos que observei na 1ª Observação sobre as zonagens da abobada celeste.

Apenas o Nascente mais luminoso, escurecendo para poente.



Canta o cuco. Nenhuma ave voa ainda, nem insectos.

Há muita humidade sobre a erva e sobre o feno. Dai o cheiro forte.

6.10 - Intenso o canto das aves, melros, cucos, pardais,

rouxinois.

Intensa também a luminosidade sobre o Nascente pela iluminação da nebulosidade.

Passam agora as primeiras garças no sentido Nascente-Poente.

As nuvens sobre o Nascente são amarelo-vivo e para baixo, para o horizonte, mistura-se o rosa e o violeta, difusos na neblina.

Voam os pardais de um lado para o outro, e os melros também.

A emissão de luz é muito forte, pela reflexão das nuvens. Sem que haja luz directa, a parede da casa é já amarelada.

O brilho aumenta no nascente.

As abelhas permanecem inactivas.

Brisa fresca de Poente, à flor da pele, só.

6.20 - A temperatura mantém-se nos 12,5°.

Brilho muito intenso nas nuvens de nascente.

No alto, está branco-brilhante.

Vai aparecendo o cheiro de flores misturado com o do feno, por ondas, conforme a brisa os arrasta.

Sol prestes a rebentar.

6.25 - Aparece agora, por detrás das copas das oliveiras, brilhantíssimo laranja, subindo rápido, bem mais à esquerda que em Setembro passado o que nos dá a dimensão diferente do círculo.

Nasce tangente à primeira oliveira enfiado com o angulo da casa.

Toda a barra do horizonte em volta é rosa-claro difuso.

O alto é azul-médio, sem nuvens, neste momento.

Todas as cores abrem agora com o sol.

Tudo aquece.

6.35 - Os primeiros raios de sol chegam agora às colmeias e uma ou outra abelha aparece nas tábuas de voo, mas não voam ainda.

O chamariz começa a cantar.

Acalmam-se os rouxinóis e, a manhã é dos pardais. Mais garças passam.

Compreende-se que as abelhas não saim. Os campos estão em sombra e nada terão que fazer ainda sem nectares.

O sol levantado, inicia a manhã.

Uma ou outra abelha arrisca o voo, mas vê-se que voltam rapidamente. Será um reconhecimento?

Canta a pôpa, os chamarizes, pardais, rouxinóis, melros, cucos.

Não há vento. Os aromas vão variando, indefinidos, agradáveis; aromas da manhã, frescos e difusos.

7.00 - Mantém-se a inactividade nas colmeias.

Vão variando os aromas, conforme as aragens os trazem.

Madressilva, (há muita em flor no ribeiro) que depois do sol nascer se começou a notar, por vagas.

- 7.15 - Aroma quase nulo. Ar mais tépido. A temperatura subiu para 14°.
- Chamariz continuamente, e voltam os rouxinois após uma pausa. Não voltei a ouvir os grilos.
- Em volta, todo o horizonte acumula neblina branca.
- 7.40 - Vagas de aromas tendo por base o feno, que o sol aquecendo faz aumentar o cheiro.
- 8.20 - Céu nublado, insolação quase nula.
- No entanto a temperatura é de 17,5° e a luminosidade de 27.500 Lux.
- Os melros, os pardais e os rouxinois são a sonoridade da manhã. As andorinhas aparecem, também, volteando sobre a quinta.
- Desapareceu o cheiro do feno e sente-se um aroma agradável e indefinido, talvez a mistura das muitas flores. Sem dúvida um aroma bom, mas não referenciável.
- A ausência do sol acalmou tudo de imediato. Mesmo as aves cantam menos.
- 8.30 - Manhã imóvel, sem sol nem vento, mas muito agradável pelo aroma, temperatura e ar leve.
- 8.40 - Reaparece o sol mas a difusão é visível a cerca de 100 m, na neblina que desceu sobre a paisagem e que agora, de cores mais fracas, recebe os tons azulados a pequenas distâncias.
- A iluminação é muito suave pela grande quantidade de difusão e todos os objectos tomam um aspecto mais doce.

A temperatura está em 18° e a iluminação em 27.500 Lux.

9.00 - Mais insolação. Desapareceu a difusão próxima que se verificou às 8.40h provavelmente por aquecimento do ar pela luz directa. Temperatura 18,5°.

A mimosa, sob a qual escrevo, iniciou uma secreção em pequenas gotas pegajosas que caem sobre o papel, talvez provocada pela temperatura.

9.30 - Céu ligeiramente nublado. Vento fraco de Leste.

Movimentação da paisagem; algum ruído.

10.00 - Não se observam desta vez, os fenómenos ópticos de zonagens da abóbada celeste, pois o nublado geral impede a ocorrência.

O que há é uma luminosidade do céu muito branca e muito difusa. A paisagem, por esta difusão, perde coloração. Torna-se difícil, com o vento, distinguir sonoridades. As aves, (pardais, pintassilgos, rouxinóis, chamarizes) misturam os cantos e é necessário atenção para ir distinguindo cada um. Para além destes, outros há, cujos nomes não sei, de cantos mais fracos que acrescentam à paisagem mais sonoridade.

MANHÃ plena.

10.45 - Sem variação. Pardais, sobretudo e rouxinóis. Vento fraco, fresco ou trazendo ondas mais quentes e aromas vários, de flores ou de mato. Canta agora o chapim.

11.20 - Calaram-se os rouxinóis. Apenas pardais e um chamariz, cantam neste momento. Um cão ladra ao longe e ouve-se

também um mocho.

Cada momento da paisagem é assim um momento distinto. Um pássaro diferente que canta, um chapim, introduz na percepção do momento uma referência imediata, relacionando-se na memória com o que em criança nos diziam sobre ele. A relação à chuva é por isso imediata e também ao tempo de infância.

Uma nebulosidade diferente alterando a luz e a cor, o vento, e uma alteração aromática por ele causada, modificam uma aparente igualdade da paisagem. A gradual modificação do comprimento e direcção da sombra refere-nos a hora do dia e o sentimento de tempo que o acompanha, dizendo-nos estarmos na manhã ou na tarde.

A cadência destes momentos, vai fazendo o dia da paisagem.

12.30 - Vou anotando os sons das aves mas é um tanto aleatório. Salvo os melros, o chapim e o pintassilgo, todos os outros cantam quase continuamente. O canto das aves é de facto a sonoridade dominante.

Mas, como escrevi algures na dissertação, o prolongado contacto com a beleza seja ela qual fôr, a observação demorada e atenta, anula a capacidade de apreciação e usufruição. Anoto os sons, as luzes, as temperaturas mas já não estou a ter prazer de olhar a paisagem, ouvi-la, ou cheirá-la.

Apenas de manhã, tive verdadeiro prazer, durante o tempo até ao nascer do sol. Agora é apenas observar e

registar as coisas tendo mesmo perdido a vontade de apreciar. Meio-do-dia, agora.

15.10 - Ar quente, luz intensa. Céu mais descoberto.

Pensava porque é que estando a luz mais intensa o luxímetro regista luminosidade inferior.

Na verdade meço a luz indirecta e difusa do céu na oposição solar. Dado que o sol se encontra próximo da perpendicular e a nebulosidade é muito menor, também a reflexão o é, na direcção em que meço a luz.

Como dizia às 12.30, instalou-se-me o cansaço de olhar e avaliar continuamente.

Na verdade não é esse o objectivo da observação - a apreciação da paisagem - mas tão só a constatação da ocorrência dos 4 elementos que me propuz medir objectiva e subjectivamente. No entanto a observação é fundamental para ligar e dar valor aos dados.

Mais a mais, esta paisagem não tem segredos estéticos já que diariamente a vejo. No entanto, poeticamente permanece o interesse e a afectividade, aumentando esta com o tempo.

15.40 - Há mudança na reflexão das nuvens. Uma luz menos crua indica-nos a plena TARDE.

Sobre o papel, à sombra, a luminosidade é 7.750 Lux.

Esbatido o sol pelas nuvens baixa para 5.500 Lux sendo agora uma luz confortável para escrever e desenhar. Totalmente difusa sem o mínimo de agressividade para os olhos.

Experimento os óculos escuros de tonalidade castanha, e o céu preenche-se de contrastes.

Com a luz normal, as nuvens a esta hora pouco contraste adquirem e portanto não oferecem relevo também.

Mas com a polarização da luz a percepção de contrastes e consequentemente de relevos aumenta consideravelmente.

Descobriu o sol e aumentam ainda mais os contrastes da luz polarizada. O "brilho máximo" atenua-se e os valores de sombra readquirem força.

Mais notável se torna ainda, nas oliveiras próximas cuja cor clara reflecte fortemente a luz directa do sol. Polarizando a luz, vêem-se melhor as sombras, afectadas que estavam pelo excesso de brilho.

Penso que nas viagens de estudo, enquanto o trabalho a fazer se trata de desenho e haja luz intensa, será de toda a vantagem que usem óculos escuros.

Não só os olhos observam mais comodamente e com maior acuidade, como os valores observados se encontram mais diferenciados facilitando a avaliação de claro/escuro decisiva para o relevo.

Em se tratando de cor, já que a deturpação é grande, não será possível utilizá-los.

Verifico ter cessado a segregação da mimosa. Tem concerteza uma relação com a luz ou com a temperatura e talvez também com o teor de humidade.

16.00 - Os valores plásticos das nuvens e de um modo geral de

um céu com nuvens, é francamente superior durante a tarde.

Com o sol alto as nuvens recebem luz superior ensombrando-se a parte inferior apresentando-se assim contrastadas aos nossos olhos.

Por outro lado ganhando a luz mais riqueza nas tonalidades ao longo do comprimento de onda a sua coloração vai tendendo para estes tons, atenuando-se o brilho do branco.

Toda a paisagem ganha também novos valores durante a tarde, enriquecida a luz e a cor.

Vento de Leste, evidente presença no corpo, sobretudo na cara e nas mãos.

O vento traz agora alguns aromas de flores, mas é preciso "farejar" o ar (não encontro melhor palavra) consecutivamente, procurando a melhor direcção para que as moléculas nos atinjam as fossas nasais e impressionem as células olfativas. Quase o mesmo farejar que efectua o cão de caça, procurando direcções e melhores qualidades.

Com o ouvido passa-se o mesmo. Há que procurar a melhor direcção e distinguir entre todos os sons aquele que queremos identificar, tal como quando ao escutarmos uma orquestra procuramos ouvir privilegiadamente determinado instrumento que nos interessa, sem contudo perder a ambiência orquestral.

17.20 - Está pesado o ar. Nuvens grossas acumulando-se, de tons rosados na parte iluminada e por baixo os tons

violáceos e cizentos. O termómetro mantém-se nos 26°.

Muda agora o vento, leve, para O.

18.00 - Lendo alguns apontamentos que fui tirando durante o ano sobre observações da paisagem, verifico quanto às sonoridades animais:

2 de Março - antes da Primavera só o ralo se ouve à noite.

4 de Março - Começam a ouvir-se os chamarizes.

28 de Março - primeira vez que ouvi o rouxinol.

30 de Março - Começaram os grilos.

28 de Abril - às 6 da manhã - grilos, ralos, rouxinóis, pardais, chamarizes e melros em simultâneo,

30 de Maio - apareceram os abelharucos a completar o tempo de Primavera, já no auge.

Verifiquei também quanto a aromas que é durante a aurora e princípio da manhã e depois durante o fim da tarde que eles são mais evidentes. No espaço que medeia estes dois períodos o aroma ou é nulo ou não identificável. Relaciona-se intimamente com a humidade e a temperatura, sem dúvida.

O ouvido consegue durante um dia de observação ser objectivo quanto à distinção de sons mas o olfacto como sentido químico, ou fica embotado pela duração do cheiro ou por falta de contraste.

Hoje, nem sempre tenho a certeza se há ou não algum aroma. Pode ser que haja mas sinto-me fisicamente incapaz de o perceber, por um dia inteiro permanecido

aqui.

18.30 - Vai baixando o sol e sem dúvida é o fim da tarde, ainda não o entardecer que este refere-se a uma proximidade do Poente. Inicia-se uma diferente qualidade do ar. E aqui surge a íntima ligação, pelo menos psicologicamente, do ar e do aroma. Quando ao fim da tarde sinto uma aragem, afigura-se-me que vou sentir também um aroma.

Penso que esta ideia de "qualidade do ar" que muitas vezes refiro em especiais momentos da paisagem não se desliga completamente do aroma.

Um ar bom é um ar que cheira. Não se sabe a quê mas talvez apenas a "ar da paisagem". Por isso é bom, porque é fino e trás algo consigo. Digamos que é um cheiro a aurora ou a manhã ou a entardecer. São ares próprios destes momentos e são aromáticamente diferentes se bem que não saibamos atribui-los a algo de concreto.

Toda a ciência acerca do Olfacto, esbarra nesta dificuldade: a impossibilidade de sistematização dos cheiros que não seja pela própria matéria que os emite.

19.30 - O sol esconde-se nas nuvens. Um clarão amarelado, difuso.

A luminosidade baixou para 5500 Lux e a temperatura para 23°.

Não irei assim observar o percurso solar até ao fim, agora que se iniciava o entardecer. Nem o sol, nem a luz.

Está algum vento de Poente. Os pardais calaram-se e predominam os grilos e os rouxinóis. Ao longe oiço ainda o chamariz.

19.40 - Já não há luz do sol e a paisagem esmorece à mingua da bela luz do entardecer. Não há contrastes nem sombras. O feno deitado parece agora clareado, por um dia mais de sol.

Céu todo encoberto, esbranquiçado e cinzento, amarelado para o lado do Poente.

Sózinho, canta o rouxinol.

19.50 - Entardecer. O sol está próximo do horizonte e quase reaparece agora entre as nuvens.

Luz brilhante, amarelo-claro doirado, voltando a animar a paisagem, por instantes apenas.

O céu é um azul-claro sujo, branco e cinzento, incaracterístico.

Levanta-se vento fresco do poente, e o corpo todo reage consciencializando sensibilidades várias, aromas, pressões, direcções e audições.

20.00 - Apareceu agora o sol entre as nuvens, no momento de começar a desaparecer no horizonte. Brilhantíssimo amarelo, iluminando as nuvens por baixo. Entre elas desenham-se os raios em leque e uma luz fulgurante bate de novo na copa das árvores. O ar como que reaqueceu transportando na brisa o cheiro a estevas do montado próximo. Estevas e mato, um cheiro doce e quente, um aroma quase igual à cera das abelhas, sem

duvida pela presença do "propolis" feito a partir das secreções gomosas de várias plantas.

20.10 - A luminosidade está em 2.100 Lux, no poente brilha ainda um céu amarelo-transparente de mistura com nuvens arroxeadas e azul no alto.

Poentes com nuvens são sempre um espectáculo não descritível ou, se quisermos, mais acessível à palavra dos poetas.

Longos, grandiosos, enquanto a paisagem vai perdendo a cor e a vida.

Só o rouxinol e os grilos, próximos já do momento do crepúsculo, escondido que está o sol.

Esmorece a luz no Poente. Perdeu brilho, e a cor das nuvens, perde-se momento a momento.

Perdido o brilho, perdida a cor, é o crepúsculo.

Violetas, cinzentos, carmins pálidos, mas nenhum tom é puro, apenas tonalidades quase sem brilho e quase sem nome também.

20.20 - Luminosidade 1.220 Lux.

Temperatura 20°

Mas volta o brilho iluminando-se o poente de um intensíssimo laranja e algumas nuvens soltas no alto aparecem brilhantes e brancas.

Tende agora para violetas e volta a escurecer, mas não morre de todo. Adiou-se o crepúsculo por um momento mais.

20.25 - Escondeu-se definitivamente o sol. Luminosidade

1.000 Lux.

20.30 - A luminosidade é 700 Lux e a temperatura mantém-se a 20°.

Longuíssimo entardecer, e belo, como não supunha pudesse ser hoje.

Agora sim, o crepúsculo instala-se definitivamente.

Já só os rouxinóis e os grilos e a aragem fresca.

21.00 - Ainda vejo para escrever. É bom o ar, sereno, tépido. Oposto ao poente surge a lua muito amarela e grande, como impedindo que o dia termine por ausência de luz e a noite se torne numa escuridão.

Nota: Falamos algumas vezes de amanhecer e entardecer, quase como momentos.

Inicialmente, estas duas designações e ainda os instantes do Nascente e do Poente chegaram a ser outros tantos momentos do dia acrescentando-se aos enunciados no primeiro Volume.

No entanto considerámo-los instantes, transições, que intimamente pertencem aos momentos referidos ou que os separam e, porque instantes, sem a duração que caracteriza o momento.

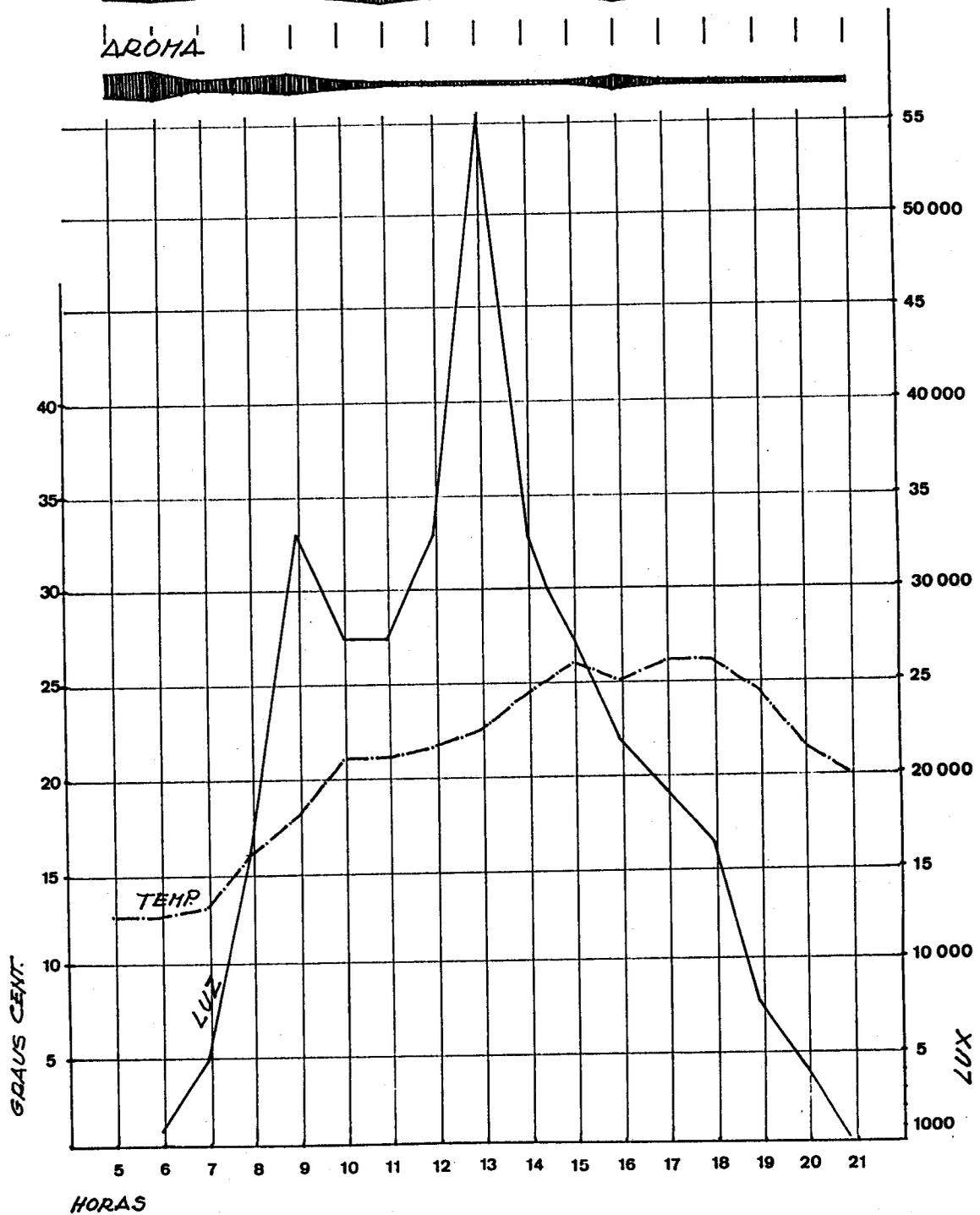
# GRÁFICO 2

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA  
DAS MEDIÇÕES EM 18.5.1989

SONORIDADE



AROMA



# ÍNDICE

## ÍNDICE

### ANEXO I. INQUÉRITO À PAISAGEM

Introdução	1
O universo inquirido	4
Interpretação crítica ao "Inquérito à Ideia de Paisagem"	6
Interpretação crítica ao "Inquérito à Experiência de Paisagem"	7
Conclusão	34

### ANEXO II. OBSERVAÇÕES DE UM DIA DE LUZ

Observações de um dia de luz	46
Interpretação	48
Primeira observação de um dia de luz	51
Segunda observação de um dia de luz	60

### QUADROS, GRÁFICOS E FICHAS

Quadro I - Inquérito à Ideia de Paisagem. Apuramento	40
Quadro II - Inquérito à Experiência de Paisagem. Apuramento	41
Quadro III - Inquérito à Experiência de Paisagem. Síntese	42
Ficha do "Inquérito à Ideia de Paisagem"	43
Ficha do "Inquérito à Experiência de Paisagem"	44
Gráfico 1. Representação gráfica das medições em 6.9.1988	59A
Gráfico 2. Representação gráfica das medições em 18.5.1989	76

